

MARIA DO PILAR FIGUEIREDO

TELHA MOURISCA



134.3-3Figueire

CAMARA MUNICIPAL BARCELOS - BIBLIOTECA

Capa
Guache de Agostinho Santos
para esta edição
Foto de AMIN CHAAR

Título — Telha Mourisca
Autor — Maria do Pilar Figueiredo
Capa — Agostinho Santos
© 1992 — Maria do Pilar Figueiredo
Impressão e acabamento — C. Editora do Minho
Depósito Legal n.º 52 845/92
Data da Impressão: Junho de 1992

TELHA MOURISCA

Maria do Pilar Figueiredo nasceu em Cambeses, Barcelos. Licenciada em Filologia Românica. Tem colaboração dispersa por vários jornais e revistas, sendo de destacar, entre outras, a «Barcelos Revista».

OBRAS

O Vento e as Raízes — 1973 — Contos.
(Histórias de Emigração) — Prémio Nacional de Revelação.
da SEIT 1972

Horizontes de Bruma — 1974 — Contos.
(Novas Histórias de Emigração).

Rosa Rosae — 1984 — Contos.
(Histórias de Mulheres).

Juliana e Luísa
Duas Personagens Queirosianas — 1985 — Ensaio.

Tempo Matinal — 1988 — Romance

Recta Final — 1991 — Romance

MARIA DO PILAR FIGUEIREDO

TELHA MOURISCA

CONTOS



Barcelos
Perm.

Biblioteca Municipal
Barcelos

ALPHABET

B. M. O.
BIOLOGICAL MUSEUM
RECEIVED
M-5704

TELHA MOURISCA

Se Joaquina Couta vive só, na casa grande e velha, tão envelhecida como ela. Se Joaquina tem uma casa grande. Velha e grande. Toda de pedra, sob um telhado escurecido, de telha mourisca.

No primeiro andar é a varanda com janelos que abrem sobre o telhado da cozinha, as duas alcovas e a sala grande. Muito grande. Fechada dias e dias, que à velha já lhe custa subir os degraus. No rez-do-chão é a adega, a cozinha térrea e o quarto onde mal cabe o catre, uma imagem da Senhora do Sameiro e por cima da imagem, entalado entre o caixilho e a parede, um ramo de oliveira benta, para ser queimado em dias de trovoadas.

Se Joaquina Couta vive só. Tem três filhos, mas vive só. Tem a filha com quem não fala há um ror de anos. Já nem sabe ao certo porque deixou de falar. Às vezes, em longas cogitações nocturnas, enquanto desfia as contas do terço, admite que a culpa talvez seja das duas. Mas isso já se arrasta há tantos anos que não adianta falar. Tem mais dois filhos: — Um no Brasil, desde cachopo, outro na cidade, casado com senhora de tacão. Mal conhece os netos.

Se Joaquina Couta veste de negro. De negro-negro, tão negro como o seu viver desde que o marido faleceu. Encerrada dias e dias na sua fortaleza, só transpõe as paredes musguentas do seu quintal para ir à missa ao Domingo e às que mandà rezar por «ele». Ou então para ir de quinze em quinze dias, à feira a Barcelos.

As pernas já não são de ferro, mas ela ainda tem ânimo para ir feirar: — vender os mimos do eido e da horta, os ovos, a criação. Depois da venda, entra furtivamente na mercearia do Lopes e adquire os géneros para a quinzena: — um quilo de açúcar; um quarto de café (mistura de segunda); um pacote de bolacha Maria... À saída, volta a olhar em redor, não a estejam a espiar e vão contar ao genro.

Que ninguém tem nada com isso! Gasta do que é dela, do que ela ganhou. Ela e «quem Deus levou». Que a bem dizer, herdar, só herdaram a casa e o eido. Tudo o mais, foi ganho palmo a palmo. «Ele» lá pelo Porto e ela em casa, no campo, no negócio. Tudo ali batidinho, pataco a pataco.

«Não era para fazerem o que fizeram, carago!» Com a mão ossuda, dá duas punhadas na coxa seca. «Até o do Brasil nomeou procurador! Que era de lei! Lei?!... Um raio que os coma a todos!»

Se Joaquina Couta fala com o gato. Desabafa com ele a ira que a consome. Também fala com as galinhas e as ovelhas. Também falaria com os bois se os tivesse. Mas desde que teve de lhes dar metade das terras (mais de metade, que a casa foi avaliada em muito, apesar do telhado mourisco, quase em ruínas) nunca mais pôde ter bois.

E ela que tanta paixão tinha por gado de sogá! Então vacas leiteiras... «Quem Deus levou», nem por isso. Mas também nunca foi contra e deixava-a para lá à vontade dela. Por isso o povo dizia à boca cheia que ela mandava nele.

Mandasse que não mandasse, nunca lhe faltara ao respeito. Nem nunca comeu nada que não repartisse com ele. Quando ele apanhou aquela doença, até doutor chamou. E mandou à farmácia. Mas nada valeu. Nem promessas ao milagroso S. Bentinho da Porta Aberta e à Senhora da Saúde, nem chás, nem caldos de galinha. Nem nada. Apagou-se.

A princípio para ali ficara, sem atinar em nada, aninhada no

degrau fundeiro, indiferente ao sol que rompia à vontade pela ramada. A bicheza a barregar com fome, a horta a esturricar de sede e ela sem vontade de lhes acudir.

O genro vinha sorrateiro espreitá-la por cima do muro, como um corvo agoirento. «Que com um luto faria dois...» dizia. E o povo dizia que ela durava pouco. Mas ela não estava morredoira. Não estava, nem está.

Foi por isso que eles puxaram partilhas. Bem protestou, praguejou, amaldiçoou, mas de nada valeu. Era de lei... era de lei. Lá foram os seus ricos campos: — O do Rio; o do Casal; o da Costa. Um para cada um deles. A ela tocou-lhe, além da casa e da bouça, o lameiro que mal dá para sustentar as duas ovelhas e os coelhos. Por isso teve de vender as vacas.

Se Joaquina Couta é velha. Velha de mais de oitenta. Se não, é fazer as contas: — Casou de vinte e um. Esteve casada para cima de cinquenta anos. Agora está viúva faz dez pelo S. Miguel... Mais de dois carros. Há-de andar muito perto dos noventa anos, garante-se.

Se Joaquina Couta é alta e seca. Seca como um pinheiro esgalhado. Seca de carnes, seca de falas. Diz coisas duras. Atira imprecações, desboca-se numa linguagem desbragada contra o garotio que lhe cobiça as maçãs no Verão e as laranjas no Inverno. Quando os surpreende a saltar o muro, parece que vai estostrar de raiva. Arremete. Atira pedras e torrões. Rompe da sua fortaleza e vem para o caminho. Lança imprecações contra o mulherio que não sabe educar os filhos: «Sendeiras! Sostras! Ladronas, que ensinam os filhos a roubar! Lambonas! Coiras!» É uma ladaíinha mais comprida que a légua da Póvoa.

As mulheres escapam-se. Dessem-lhe elas troco e havia de ser o bonito! Impropérios e ameaças. Não passa disso a velha, até que chega ao desabafo: — «Fosse vivo quem Deus levou...» mas não termina. A voz começa a embargar-se-lhe. Lacrimeja. Cala-se e

entra em casa. À noite, agarra-se ao terço, numa renovada contrição.

De vez em quando, uma das velhas comadres vem visitá-la, interessá-la nas novidades da terra. Mas ela está cada vez mais agarrada ao que é seu e já não é franca como dantes, a oferecer uma pinga. Por isso, as visitas são cada vez mais curtas e mais raras.

Também já não lhe fazem falta. Por ali anda e muito bem, todo o dia a cuidar do que é seu: cebolas, hortelã, salsa, ervilhas. De tudo há naquela horta. E flores. Que se Joaquina tem uma mania. Sempre a teve: — a das flores.

Há sécias, ao lado de alfaces. Sardinheiras e dalias espreitam por cima do muro rente ao quinteiro. Junto ao poço, em cacos de barro, florescem cravos rajados, vermelhos, rosa e até brancos. Há também alfádega e cegorelha. Margaridas. E até peonias. Peonias com o seu odor fino a espalhar-se por sobre as alfaces. — Flores insólitas que ninguém esperaria encontrar no quintal da velha.

Já teve pombas mas acabou com elas. Sujavam-lhe os peitoris das janelas e a velha não suporta sujidades. Tem a mania das flores e da limpeza. A roupa branca pode ver-se, quando está a secar ao sol. É ela quem a lava. Bem esfregada entre mãos. Depois, barrela à sua moda: — cinza, alecrim, mentrastes e água a ferver.

Se Joaquina levanta-se cedo. Ainda o sol vem na casa do diabo. Primeiro é o mata-bicho de aguardente. Depois, sai a tratar da bicheza e só depois acende o lume. À noite, nunca ceia. Mal o sol se esconde, arrumada a bicharada, põe a cafeteira de barro ao lume. Senta-se junto da lareira à espera que a água ferva. Faz café que chegue para encher uma tijela. Sem sair dessa posição, serve-se às goladas, ruidosamente, religiosamente. De longe em longe, fala para o gato lamuriento que lhe roça as pernas. Mete uma bolacha à boca e suga-a com delícia, como se fosse um rebuçado, numa gulodice controlada.

Se Joaquina Couta é dura de falas e de sangue. É uma natureza rija e agreste. Áspera como a estopa que ainda fia quando apascenta as ovelhas. Jamais esteve doente. De cama, só quando teve os filhos. Nunca foi como essas «meladas» de agora. Olha-as com desprezo. O seu olhar só se amacia quando fala do marido «que Deus tem». Guarda um respeito sagrado pela sua memória. «Se fosse vivo quem Deus levou...» murmura a propósito de qualquer coisa.

Ainda hoje não compreende como é que ele se apagou assim tão de repente, como é que ele não resistiu como ela resiste, à erosão do tempo. Chama-lhe «aquele santo». E lacrimeja. É a única coisa que a faz chorar. Ainda guarda na arca as roupas dele. Não as deu a ninguém. Nem dará.

Se Joaquina fala só. Ou antes, talvez não fale. Fala com o gato. Fala para as galinhas e os coelhos. Fala para o marido, às escuras, deitada no catre. Fala e chora alto. Há quem tenha escutado. Conta-lhe as safadezas da vizinhança que não sabe respeitar uma mulher viúva e só. As poucas-vergonhas da canalhada. Portanto, a velha não fala só. Quem pode garantir que o marido não a oiça mesmo?

Depois, o dia volta a nascer e ela sai outra vez a defender o que é seu, dessa ladroagem. Escorraça-os: — Sumide-vos, excomungados! P'rás profundas!» Inventa em cada dia, novos gestos, novas palavras para afugentar essa cambada de ranhosos, que não aprendeu a respeitar uma mulher velha. Desespera-se: «Corja do inferno! E não há quem os ensine!...» Lamenta-se: «Ai se fosse vivo quem Deus levou...»

«Ai se fosse vivo...»

PEOR QUE UM CACHOPO

O que foi, Se Joaquina?!... Eu andava no campo de Fontelas e ouvi vossemecê chamar...

Ai Senhora do Sameiro, o que tem o meu homem? Ai Virgem Mãe Santíssima, que ele vem numa desgraça! Ele nem pode falar... Que tem ele na cara e nos braços? Partiu-os?!... Ai que ele nem se tem de pé! Ó Ser'Adelino, a modinho... Bote aí uma mão... Ai o Pai do Céu nos acuda! Mas o que teve o meu homem, Se Joaquina? Caiu da obra? Ó Se Joaquina, o que foi? Deixe-o sentar...

Na motorizada?!... Outra vez!...

Então ele comprou esta motorizada há dois dias a bem dizer, e já se esbarrou nela? Em Barcelos? E que andava ele a fazer pela cidade à hora do trabalho? Ó desgraçado de homem! Não te esbarrares tu por uma vez!... Ainda há pouco deu cabo de uma e já esbandalhou esta também! Levem-no vossemecês lá para dentro que eu já nem o posso ver diante dos meus olhos. Não fiques tu por lá, Brasabu do inferno! Não fiques tu de vez! É deitá-lo lá para cima da cama. Na corte é que ele se havia de deitar, à beira do gado! Grande estepor! Não dar cabo dele, de vez. Agora não refila ele! Parece um anjinho do Senhor!

Porque mo trouxeram vossemecês? Não tenho eu consumições e canseiras que chegue e sobre? Ai ele não quis ficar no Hospital

de Barcelos? Fidalgo da borra... Agora quis vir para casa, mas aos Domingos ninguém o segura debaixo das telhas! Sempre como um rapaz solteiro, de romaria em romaria, agarrado à concertina ou a pagar quartilhos pelas vendas. Com essa ralèzada toda! Aquilo já lhe está no sangue. É «Liradas» e bonda. Que eu tive muito quem me avisasse. Já o «Liradas» velho assim era e ele não fugiu à raça. Agora quem é da raça dele é que o devia vir tratar! Mas se for preciso, ainda acodem por ele!...

Porque me hei-de calar? Não é bonito? E é bonito o que ele tem feito por aí, carago? Então eu não terei razão?!... Ando eu aqui como uma rodilha, dum lado para o outro, a tratar de tudo e ele feito fidalgo a gastar o que lhe apetece, como um Francês... Pois fiquem vossemecês a saber que ele já me deu cabo de muito continho de reis. Podíamos estar bem, podíamos. Mas vai tudo quanto ele ganha... Eu não devia dizer isto, mas até do dinheirinho que herdei da minha mãe, ele deu cabo! Tudo com o toledo das motorizadas!

E não se lhe pode dizer nada que o contrarie! Ainda Domingo me foi à cara só porque eu lhe disse as verdades. Então ele não vê que eu ando todo o santo dia numa dobadoira — é as terras, é o gado, é os cachopos... Ele só vem a casa para comer e dormir. E eu que me quilhe! Nunca a luz do dia chega que me encontre na cama. Ainda hoje quando o dia rompeu, eu já tinha cozido a fornada e feito o almoço e o comer para ele levar. E o estardalho, nem dar de comer ao gado quis dar! Na cama até à hora de ir para o trabalho! Esteve bom o trabalho, esteve! Rebentado seja ele de uma vez para sempre!

Já não bastava não se chegar aos filhos com o que é preciso e ainda se vem meter em casa, para eu tratar dele, para ainda ficar mais encalacrada do que estou! É a minha obrigação? E a dele? Os filhos não são dos dois? É só botá-los ao mundo? Não quero saber dele, já disse! Que seque aí na cama. É a minha obrigação?

Lá vem vossemecê com a mesma. Que se quilhe a obrigação. Que digo aqui: Pela minha saúde que se não fosse pela vergonha eu deixava-o ficar para aí como um cão, fora da porta.

Está bem que eu tenha obrigações. Já sei que as tenho, mas o que é demais, é demais! Depois eu tenho génio... Tenho. Mas uma mulher com um homem assim se tem brio na cara, tem mesmo de ter génio! Que não é por gosto. Olhe que as vezes só me apetece fugir de casa. Fugir por aí fora, sem destino!...

Ai Nossa Senhora, Virgem Mãe Santíssima, se amerceie da gente, que fracos dias nos esperam. Fracos dias! E podíamos estar tão bem! Levar uma vida limpinha, livre de aflições e de vergonhas... Ó que desgraçada que eu sou! Mais me valia ter ficado solteira, com o filho nos braços. Levava melhor vida, levava! Bem sei que...

Eu já vou aí Ser'Adelino. Pois que durma. Decerto está com uma pinga a mais. Até a cura! Não dormir ele de vez, raio de desgraçado! Ai agora começou a gemer? Pois que gema, que ainda tem muito para andar!

Ó Se Joaquina, muito agradecida por tudo e desculpe. Uma pessoa tem que desabafar, se não até rebenta. Eu nunca gostei de guardar o fel cá dentro... E a vossemecês todos muito agradecida. Deixa-me ver como ele está. Com'assim... Estai calados meninos! Não vos ponde, também, para aí a chorar, a afligir-me ainda mais! O pai não morre, não. Ele é duro! Ide brincar, ide! Cinda, não deixes o menino ir para a estrada! Olha pelos teus irmãos, rapariga!

Homem... Antone... Não ouves, homem? Estás para aí com a roupa toda a cair... Deixa que eu ajeito... Eu não te trilho. Homem... Antone... Abre os olhos! Antone!... Ai que ele não fala! Antone! Não me ouves? Ó homem, não ouves? Ai que ele não dá acordo de si! Antone!... Antooooone! Ai que ele perdeu a fala! Ele ainda se apaga hoje mesmo. Ó Antone... Tooone... Ai o Pai

do Céu nos acuda! Ai Virgem Mãe que ele parece que está morto!

Se Margarida!... Se Margariiiiiida!... Acuda aqui, Se Margarida! Ai que o meu homem morre! Morre já aqui!... Vá chamar o Senhor Abade. Vá num instante, Se Margarida! Chame a Ti'Joaquina! Tem que se ir já chamar o Dr. Simões... O da Caixa só amanhã é que vem... Chame o Dr. Simões! Peça ao moço para ir à venda telefonar. Que vá na bicicleta, depressa. Eu depois pagolhe! Que vá depressa, Se Margarida!

Ó homem que tu morres e ninguém nos acode! Ai os nossos filhinhos! Ó Senhora do Sameiro! Ó Virgem Nossa Senhora! Ai que dou cinco voltas de joelhos ao redor da Igreja. Ó S. Bentinho da Porta Aberta, valei-me que eu prometo ir lá a pé, se me fizeres o milagre de sarar o meu homem! Não o deixes morrer, S. Bentinho milagroso! Ai como ele está todo trilhadinho! Como ele se pôs. Parece o Mártir S. Sebastião... Antone... Já abre os olhos... Graça a Deus! Antone, que queres que te faça? Queres comer alguma coisinha? E beber? Queres que te faça um chá? Não? E uma pinga de vinho com açúcar? Eu vou. Eu vou por ela.

Deixa lá. O que não tem remédio, remediado está... Não estejas agora a chorar... A afligir-te... Olha que te faz mal... Tens muitas dores, pois hás-de ter... Não te estejas a consumir que não adianta. Já se foi pelo Doutor Simões... E pelo Senhor Abade, também... Sempre é bom...

Ai mas que susto me pregaste, homem. Não davas sinal de vida: Agora não há-de ser nada, se Deus quiser. Não há-de ser nada! Apega-te com o S. Bentinho e a Senhora da Franqueira...

Mas olha que tu não tens juízo nenhum, homem! Não tens juízo nenhum nem ganhas emenda! És um cachopo. És peor que um cachopo. Trinta vezes peor que um cachopo!

HISTÓRIA SIMPLES DE JOÃO VARANDAS

Mordidas pelo pó de mil caminhos, as botas resvalavam no chão incerto mas o velho, na ânsia de atingir o cimo da ladeira, parecia não sentir as agruras da jornada. Foi só à vista do casario disperso pela encosta fronteira que o velho João Varandas parou.

Ali, no alto do monte, o vento da tarde acorreu solícito, a secar-lhe as gotas de suor penduradas nos picos hirsutos da barba encardida: Era um daqueles homens sem idade, inalteráveis passados os sessenta anos, que tanto podia ter setenta e cinco, como podia ter uma idade qualquer.

Uma vez, há muitos anos, olhou a vida com ansiedade no desejo imenso de ultrapassar aquela linha do horizonte, a linha para lá da qual havia outros montes, outras fontes onde matar a sua sede. Aconteceu na década de quarenta, quando ele era moço aparentemente franzino, de olhar sonhador, desejoso de realizar o seu sonho. Assim, renegou publicamente o arado, sacudiu a terra que teimava em se lhe agarrar à pele, abraçou nova carreira. Mas ao escolher a profissão de vendedor ambulante, não pôde deixar de ler na cara dos conterrâneos o desprezo e o espanto.

Aquela profissão estranha, um pouco suspeita, era menos digna que a de agricultor e, por isso, eles não podiam compreender que um filho de lavrador, ali criado, tivesse podido enveredar por outros caminhos. Ele deveria permanecer naquele chão, como eles

agarrado ao arado pelas madrugadas azuis, como eles afadigado por eiras e câmpos, montes e fontes, temeroso do sol excessivo ou das geadas tardias, agradecido pelas chuvas brandas, pelo sol de outono, pela seiva, pelo pólen. Ele, porém, resistira a todas as pressões, conseguira libertar-se daqueles temores, desses anseios, dessas fadigas e, por isso eles não lhe podiam perdoar.

Agora, ali estava nesse mesmo chão, arrastando-se penosamente, ao longo do caminho ladeado de muros por detrás dos quais se erguiam as primeiras casas de centenário granito. À porta da taberna do Maralhas parou. Transpôs os umbrais e foi sentar-se num dos bancos encardidos. Indiferente aos olhares de curiosidade da mulher do taberneiro, pediu laconicamente, um copo e tirando do bolso um naco de pão ali se deixou ficar mastigando lentamente, sem se importar com o que o rodeava, como se não conhecesse ninguém.

De vez em quando, levava o copo aos lábios mas o seu rosto não exprimia qualquer satisfação. Bebido o último trago, deixou a locanda sem prestar atenção a ninguém, e com passo pesado, cada vez mais pesado e incerto, tomou o caminho de casa sob uma chuva irritante e gelada que principiara a cair e lhe batia no rosto e nas mãos nuas, sem que isso o arrepiasse ou incomodasse grandemente. Do mesmo modo, não o incomodava o olhar dos que com ele se cruzavam, um olhar mais de comiseração que de surpresa, pois que jamais deixara, embora de longe em longe, de voltar à aldeia, à casa que sempre recusara vender, a casa que tinha herdado.

Viam-no então cuidando do telhado, de alguma janela desconjuntada, do quintal, sem mostrar desejos de procurar parentes ou antigos companheiros e os olhares tornavam-se mais benevolentes se acaso o viam cuidando das árvores que ele nunca se esquecia de vir podar antes de cada primavera, embora nunca viesse colher os frutos. Disso se encarregavam parentes e o garotio, também.

Alguns consideravam-no um desertor, quase um renegado. E

se não fosse o seu amor pela casa, pelas árvores, teria sido banido para sempre. Outros mais benevolentes, lamentavam a sua pouca cabeça, outros, ainda, divertiam-se com as suas excentricidades, a sua quase penúria.

Mas ele nunca sofrera necessidades. Tudo o que pedira à vida, sempre obtivera. E agora que a idade lhe pesava em cada gesto e se sentia morto de cansaço, cansaço físico apenas, o seu único sonho era descansar para sempre na terra-mãe.

Encontraram-no sem dar acordo de si, estendido na enxerga, muito composto, uma expressão serena no rosto pergaminhado. Mãos caridosas estenderam-se para o ajudar, mas ele já não precisava de ajuda.

Quando a notícia da sua morte se espalhou, lamentaram-no uns, censuraram-no outros e outros ainda, riram-se, recordando factos passados. Alguns pensaram que teria grossa maquia ameaçada e, disfarçadamente, vasculharam todos os recantos da pequena casa mas apenas encontraram bugigangas — bilhetes de comboio, de camionete, pequeninos e míseros testemunhos de uma vida sem grandes incidentes e que qualquer pessoa imaginaria com outra história.

Muitos, então, comentaram: «Não foi mais que um pobre diabo...» Outros ainda, menos compadecidos, disseram: «Era um madraço! Não faz falta a ninguém!»

Mas ele não se importava com os juízos do Mundo. Aliás, nunca se importara. Tinha conseguido fugir a todas aquelas leis centenárias que sempre ali reinaram, tinha desrespeitado preconceitos, seguido outras rotas. Tinha podido viver a vida que lhe agradava. Viver. E isso fôra para ele o suficiente: Viver.

MENINO-POETA

Nasceu o menino loiro e rosadinho. Era já o quinto. E o tio-padrinho, que andou pelo Brasil, disse para a irmã:

— Há-de ser Euclides!

— Ó Tone, põe nome ao menino que a gente conheça e possa chamar! Nome de cristão!

— Euclides, é. É nome cristão. Nome do Brasil. Bonitinho mesmo. Você sabe lá!

E Euclides, ficou, nos livros da Igreja e nos do Registo. Euclides Pereira. Em casa era «o menino». O menino medrando, loirinho e rosado. Menino Jesus. Ai-Jesus da avó. Parecido com ela. Com ela criado.

— Como é o nome? — perguntavam às vezes, à avó do menino.

— Se quer que lhe diga... Olhe não sei bem. Eu... chamo-lhe Lino...

E o menino crescendo ficou a ser Lino. Ó Lino anda cá! Ó Lino come isto... Lino toma lá... Mimos do padrinho, do pai e da mãe, dos irmãos mais velhos. Mimos muitos mimos da avó-madrinha.

E o menino aninhava-se no colo da avó, debicava os mimos que a avó guardava no fundo do armário: — bacalhau às lascas, pão de trigo alvo, ovos, nozes, figos... vinho com açúcar...

E o menino loiro debicava e ria. E um dia o padrinho trouxe duas rolas para dar ao menino... Duas rolas mansas.

«Cu-cu-ru-cu... cu-cu-ru-cu...» cantavam as rolas e o menino ouvia. Menino-poeta cantava com elas. Contava-lhes histórias. Sabia o que as rolas queriam dizer, e quando o mandavam ir para a escola num desassossego por causa das rolas, não queria ir. E logo que podia corria para elas.

— Lino, deixa as rolas! Deixa as rolas, Lino! Ó Lino anda cá.

— Senhora!... Já vou!

E o menino lá ia. Olhava de longe as rolas roliças. Fazia os recados, comia e dormia e sempre acordava com a música das rolas. Cu-cu-ru-cu... Cu-cu-ru-cu...

E o menino imitava o cantar das rolas e chamava-lhes nomes. Nomes de flor. E o menino sorria. Sorria e sonhava, a cabeça loira no peito da avó. Menino calado. De olhos tamanhos. Menino-poeta.

E os dias passavam. Na escola aprendia a ler... a contar... E a tabuada, estudava-a a compasso com as rolas mansas.

Cu-cu-ru-cu...

Dois vez três seis...

Cu-cu-ru-cu...

Dois vez quatr'oito...

E o tempo passava e o menino, na escola, aprendia a escrever. Já não soletrava. Lia, escrevia a cópia, fazia o ditado. Escrevendo o nome, o menino aprendeu que era Euclides. E a professora, ensinou todos a dizer Euclides. Euclides Pereira.

Mas o Zé do Gaiolas que invejava as rolas e os mimos do Lino disse no recreio para os outros garotos que ainda teimavam em lhe chamar Lino. «Ele não é Lino! Ele é Euclides! Nome mais feio! Parece eucalipto.»

«Eucalipto... eucalipe... calipe...» — disseram.

«Calipe», chamaram.

E o menino zangado chamou-lhe «Gaiolas» e ele cantou: — «Calipe Ca-li-pe»!... E o menino chorou e todos se riram. E todos

chamaram: — «Ca-li-pe! Ca-li-pe! Tens rama amarela ó calipe seco! Como vão as rolas fazer lá o ninho?»

E o menino chorou, protestou, queixou-se e a professora então ameaçou punir todos os malandros. E chamou-lhe Euclides e explicou ser nome bonito. Em vão. Pois ficou como dantes, Lino e... Calipe do monte.

E os irmãos mais velhos para o arreliar chamavam às vezes Calipe das rolas. E o menino crescido queixava-se às rolas. Já não tinha a avó. E a mãe que agora tinha uma menina, dava o mimo todo à sua Quininha. E o pai se o via com ar abatido dizia que a avó o estragara com as mimalhices. Por isso lhe dava alguns safanões e quase gritava:

— Nunca mais dás nada!... Anda-me para a frente. Desembaraça as pernas, lesma do diabo!

E o menino corria mas logo parava se ouvia as rolas. Tinha agora seis. Dava-lhes milho, água, limpava as gaiolas. E lá na escola falava das rolas com a professora. E fez até uma redacção falando das rolas e a professora gostou, gostou muito, muito, foi mostrá-la às outras e todas gostaram. E até lhe afagaram os cabelos loiros. E os companheiros viram e troçaram mais. Chamaram-lhe Calipe. Calipe do monte. Com a rama seca. Rama amarelada. E o Lino, que já não se queixava, ouvia, calava, contava para as rolas.

E os anos passaram.

Acabou a escola, começou a faina nos campos do pai. Ó Lino! — Ó Lino!... Chamavam os irmãos e os companheiros, o pai e a mãe. Nunca mais foi Euclides. Euclides Pereira.

Só o Zé Gaiolas e mais dois ou três chamavam Calipe. «Calipe do monte». Chamavam de longe para o arreliar. Só eles e a Micas que, um dia, no campo, apanhando erva, botou a cantiga:

Ó Calipe olha a rola
Onde foi fazer o ninho

No meio da rama seca
Num galho ajeitadinho

E Calipe sorriu. Só por fora. Por dentro mais triste. Mas não se zangou com a Micas. A Micas era assim...

E o moço esqueceu. E cresceu mais. «Vai dar grande. Como uma torre» dizia a Mãe. «Como um eucálio.» Grande no tamanho. Coração de rola.

E mais anos passaram

Vieram as festas e as desfolhadas. Horas de folgado. Terreiros de festa no alto dos montes. E a Senhora da Saúde em 15 de Agosto e o sol a pino, livre e impiedoso.

Lino — Euclides — Calipe, mais forte, menos loiro, sob o céu de fogo, encontrou o fogo do olhar da Micas. E a garganta seca pelo sol ardente e pela poeira, mais seca ficou. Pedia-lhe vinho. E Lino bebeu. Bebeu um quartilho e outro e mais outro. Que o sol era lume, os olhos da Micas dois carvões acesos e o sangue de Lino era uma fogueira, todo a crepitar. E chegou-se à Micas. Olhou-a atrevido e a Micas gostou.

E veio o Gaiolas todo enciumado, disputar a Micas. E a Micas riu-se e ficou vaidosa e aceitou os dois. Ora um, ora outro. E aos dois fez negaças. E o sangue aqueceu. E os pulsos tremeram. E o Gaiolas troçou. — «Vai tratar das rolas. Calipe do Monte. Vai regar a rama!...» E a Micas riu e o sangue do Lino aqueceu ao rubro. Faiscaram os olhos. Avançou para ele. Caiu bordoadada. Outros apartaram, outros também deram. Deram e levaram. Acorreu a Guarda e todos fugiram. E o sangue acalmou.

E o tempo correu.

Foi na desfolhada em casa da Micas. Euclides bebeu e o sangue aqueceu e uma força enorme cresceu dentro dele e quando o Gaiolas

e outros da laia quiseram conversa, Euclides saltou e arremeteu como um touro bravo, esmurrou, varreu tudo à sua frente.

E as velhas gritaram e as moças saltaram, correram os homens para os apartar. Rezaram as mães. Foi preciso três para o segurar. «Uma pinga a mais, é ver o que faz!» diziam os homens. «Tem mau vinho, tem...» ajuizavam as velhas. E as moças excitadas, falavam entre si: «Parecia um touro! Tem força de quatro!»

E o Gaiolas e os outros lá se foram, prometendo desforras. Promessas cumpridas...

Mais anos vieram.

E as zaragatas. E o Euclides mais forte, mais forte que um touro, audaz e temido se o vinho o empurrava. Esqueceu as rolas. E o pai a ralhar e ele, se sóbrio, ouvindo humilde, calado, pequeno, os olhos no chão. Tirante aos comeres, negavam-lhe o vinho. Mas ele arranjava sempre de beber à farta.

E andou por feiras, pelas romarias, por todas as tascas. Andou pela Guarda e pelos hospitais. Já não tinha emenda. E a Micas casou com o Zé Gaiolas. Deitou-o ao desprezo. E o pai também. E os irmãos. Vadiou por Braga, Barcelos e Póvoa. Carregou fardos, trabalhou por vinho. Só para ser forte. Para ser temido, para ser audaz. E o cabelo loiro, cor de rama seca ficou ralo e branco, apertaram-se os olhos tamanhos, os olhos de outrora.

Já não há fortaleza, nem sequer audácia, nem sequer coragem, nos braços fanados. Já mal pode andar. Não pode com os sacos, nem com os cestos que as lavradeiras encheram de mimos da horta, para virem feirar. E a gente da terra se o acaso o vê lamenta e despreza Calipe do Monte, Calipe das Rolas.

Às vezes, um ou outro, para o arreliar, ainda o chama assim, só para ouvir o chorrilho de asneiras, só para se rir das coisas tontas que ele agora diz.

«Calipe, a folha está seca! Calipe do Monte!» E Euclides

pragueja e tenta perseguir, com as pernas trémulas, o garotio que lhe faz negaças. E desamparado, senta-se no chão, geme desesperos.

«Que não é Calipe!» O seu nome é Lino! Lino, lhe chamava a mãe. E também a avó!

Um ou outro feirante paga-lhe quartilhos para o ver picado. E chama-lhe Calipe para que ele arremeta como um toiro bravo. Pobre toiro velho, sem fôlego, sem sangue. Pobre toiro velho que ninguém já teme.

Mas na taberna do Santa Marinha raramente se enfurece. Ele não ouve mais, que o canto arrastado das rolinhas mansas que o Santa Marinha tem numa gaiola perto do balcão.

Cu-ru-cu-cu

Calipe do Monte

Menino-poeta

De olhos tamanhos

E Euclides fala, mansa e vagamente. Adquirem fogachos os olhos mortiços. Já ninguém entende o que o velho diz. Não tardará muito que o sangue pare, deixe de aquecer, conjecturam eles e dão-lhe moedas. Ao menos que beba!

Não tardará muito que o sangue arrefeça, deixe de girar, e então nos jornais virá a notícia que muitos lerão: — «Morreu na valeta (ou no hospital) Calipe do Monte, figura típica da nossa cidade.» Isto e pouco mais...

Um último sorriso, um pouco de dó. Não vai haver luto nem officios fúnebres, nem dobrar de sinos.

Nem por certo as rolas, na tasca sombria do Santa Marinha deixarão de cantar «Cu-cu-ru-cu... Cu-cu-ru-cu...»

Menino poeta de olhos tamanhos. Menino Jesus, ai-Jesus da avó. Calipe das Rolas, Calipe do Monte... «Cu-cu-ru-ru... Cu-cu-ru-cu... Cu-cu-ru-cu...»

BOM DIA!

Bom dia! Bom dia, freguesa! Então hoje não vai nada? Fresquinho como água! Da Póvoa! Saudinha! Graças a Deus! Graças a Deus!

Olhe que não é caro, minha linda! Olhe só para esta riqueza! Veja à vontade! Vai todo? Arranjo num rápido! Postinhas grossas? Não? Para fritar. Muito bem. Só lhe digo, leva uma riqueza de peixe. Aqui em Barcelos, não encontrava melhor! Pela minha saudinha!

Tenho polvo, sim senhor! E do lindo! Olá Cilinha, bom dia! Vi-a ontem. Vi-a, sim senhor! Na Franqueira... Com seu marido, pois! Fazem um lindo par! Deus Nosso Senhor lho conserve! Tenho linguado, um luxo! Gosto muito de ver um casal unido, gosto sim senhor! Ó linda, então o linguado não agrada? Ó rapariga, mexe-me as pernas, mostrengo! Então essa água?

Bom dia Miquinhas, bom dia! Então o seu marido continua a mandar notícias? Eu?!... Tomara eu não ouvir, sequer o nome dele! Para lá anda com essa mastronça! Inda ele queira morrer e não possa! Podia, podia... mas então? Não. Não, minha santa! Andar eu aqui feita galega, e o fidalgo a gastar tudo com as amigalhaças?! Dessa não se gaba mais. Rica faneca da linha!... Até parece que ainda salta! É da nossa, minha linda! Pela minha saúde! Estou melhor assim. Muito melhor! Estou na minha casinha sossegada. Não me falta nada, graças a Deus. É mesmo. São umas cadelas.

Malditas sejam nas profundas do inferno! Solhas? Olhe que não encontra. Leve um linguadinho. É caro? Pela minha saúde. Não encontra mais barato, pela luz que nos alumia! Estou a perder dinheiro... Estes? Chega? Fresquinhos! Então havia de a enganar? O seu marido é muito boa pessoa, vê-se logo. Deus Nosso Senhor lho conserve. Não há nada mais bonito que um casal unido, não senhor! Até dá gosto. Filetes? E dos bons. Um quilo? Mexe-me esses braços, rapariga! Olha estas tripas! E as cabeças também. Um quilinho bem pesado! Pronto! Fica assim. Oitocentos escudos, nem mais nem menos. Vai bem servida, olhe que vai! É por ser freguesa! Que isto não se pode fazer a ninguém. Está magro?!... É essa cadela que o põe assim. É bem feito! Quem o mandou? Não que ele, agora, não tem a moura para o apaparicar! Agora tem que ganhar para ele e para essa badalhoca! Mortinha seja eu se um dia não a esborracho! Elas é que têm a culpa! Malditas! Pois é. Não, freguesa. Chegou hoje todo de madrugada, pela minha salvação! Olhe que eu sou muito séria! Andar eu aqui metida neste gelo e ele a esbanjar o meu dinheirinho?!... Não!... Não!... Isso acabou!... Boa pescadinha! Ó santa venha cá! Olhe que não pode ser menos, está ali o preço! Não há dúvida!... Se calhar queria-o de graça. Não que eu não o roubei nem tenho quem mo dê! Mas é. São uns trastes! Eu digo isto... Mas olhe que ainda os há bons. A culpa, muitas vezes é dessas cadelas que por aí andam! Filetes? Corvina? Sim senhor. Só meio quilinho? Tem três quartos bem pesados, pronto! Mas olhe que para tudo se quer sorte! Estou muito bem graças a Deus. Saio quando quero e entro quando quero... Tira-me esse polvo daí, rapariga. És uma paspalhona! Só levantei cabeça desde que ele se foi. Pois!... Não tenho, não. Mas tenho robalo muito bom para assar. Ora veja! Pode cheirar! Aqui só há peixe fresquinho! Nunca gostei de enganar ninguém. É como diz, é. Não me faz falta nenhuma. Nenhuma!... Não. Nem quero saber! Pelo sol que me alumia... Há-de acabar para aí numa valeta que eu não

lhe deito a mão! Não é conversa, não senhor! É a verdadinha pura. Pois tenho. Muita razão!

Bom dia, Aninhas! Que manda hoje? Guardei, sim senhor! Então havia de esquecer? É um rápido! Não o faça esperar, não. Os bons maridos devem-se estimar. Também estimei o meu... E foi-se a ver... Vinte anos quase. Dá-me essa faca rapariga! Diz bem, foi a boa vida. Mas olhe que foi muito meu amigo! Depois... Pois é. São umas malditas. O que elas querem nós bem sabemos. Então um homem com cinquenta e cinco anos... Nova. Diz que sim. Eu nunca a vi. Tem sido a sorte dela. Traineira!... Pescadinha da Póvoa! Um luxo! Como prata! Vai toda? Não se estraga! Fresquinha. Pode correr tudo que não encontra. Pescada da grande já não há! Olhe este badejo! Toda esquisita e se calhar... Vai andando, vai andando... Vê-lo?!. Antes ver o diabo. E olhe que tive! Tive sim senhor! Mas só engraçava com aquele... Pois. Já era a minha sorte...

Bom dia D. Miquelina! Então o seu marido está melhorzinho? Está aqui reservada. De toda a confiança! Deus me livre! E então para doença... Sou muito séria. Muito séria, graças ao Senhor! Vai melhorzinho é o que se quer. É sempre assim. Se fosse fraca rolha andava por aí cheio de saúde. Olha-me essa faca rapariga! E esse tabulheiro! Pandorca! Leva aqui uma riqueza de pescada. Estimo as melhoras...

Bom dia Guidinha! Sempre bonita! Ai não diga isso! A felicidade vê-se logo na cara das pessoas. A sorte não calha a todos, não! Não. Não sei notícias, nem me interessa! Dizem que anda para aí, com essa sostra... Há-de deixá-lo, há-de! Não tarda! Eu?!... Nem pintado! Que rebente! Elas pagam-se todas, D. Guidinha! Todas!... Deus não dorme! Que eu já não me importo. Já chorei muitas lágrimas. Agora? Agora rio-me! Rio-me, graças a Deus! Nunca estive tão bem. Não me falta nada. Nadinha: Também digo. Boa sorte... É o costume. A mil e duzentos o quilo, três quartos,

deita novecentos, certos. Ninguém a servia tão bem. Pela minha saudinha!

Bom dia Se Joaquim! Que manda para hoje? Já tive, já. E bom. Acabou. Era só? Até depois. Venha cá ó freguesa! Então ia-me trocar? Tenho, tenho. Descongelado?! Eu?! Deixe ficar, deixe... Ruivo? É bom para assar, é. Já vendi mais de cinco quilos, hoje. Pela minha boa sorte! Não quer? Obrigada. É levar chicharro que é mais fino! Olha a fidalga! Ó minha linda, então hoje não leva nada? Ó filha não encontra mais barato, pela minha saúde! Isso era peixe podre. Eu cá só vendo peixe fresquinho! Estou a perder dinheiro! Se calhar queria-o dado... Badejo? Chega daí esse peixe, rapariga! Não senhor hoje não veio nada, freguês.

Sardinha da nossa? Ai eu conheço vossemecê!... É primo de meu marido! Não sabe de nada? Pois olhe que ele anda metido com a badalhoca da sua prima!... Ai não sabe?!... Inocentinho! Você ri-se?!... E ainda pisca o olho aí para o lado? Ah! raio de homem que o racho já de alto a baixo com este peso!... Ainda faz pouco de mim, o bandalho!... Eu racho-o!... Não bastava o meu desgosto! Eu racho-o, diabo de homem, se você não me desaparece da vista!... Vir para aqui desinquietar a gente!... Eu racho-o! Eu racho-o!...

O PENEDO DOS MOUROS

Pinhal verde e bem cheiroso, o pinhal da Raposeira, de chão irregular de encosta, semeado de grandes penedos! — Penedos negros por fora, mas por dentro brancos, brilhantes, se o dinamite os esquarteja e deixa voltadas para a luz, novas faces lisas e refulgentes, nas quais os raios de sol arrancam reflexos de diamante.

É bela toda a encosta onde, por vezes, cantam fontes. Belos, os pinheiros altivos, as pedras, os eucálptos de rama prateada. Belas, as mimosas flexíveis de folhas rendilhadas e flores macias que o vento e a geada cedo fazem desaparecer.

É belo o tojo, quase todo o ano pontilhado de ouro, as carrascas de flor rosada a rir por entre os fetos duros. E igualmente belos, são os lírios azuis, as abrótegas e os cogumelos que crescem protegidos pela sombra dos penedos.

Pinhal de rochas milenárias a cheirar bem a resina, a seiva de eucálpto novo, a flor de tojo. A cheirar bem a caruma seca, a terra, a musgo. Pinhal onde as rolas bravas, os gaios matreiros e as pegas descaradas cantam ao desafio.

Era neste cenário de montes e fontes que João-Pedreiro passava seus dias talhando pedra. Pedra bonita, perfeita, eterna. Pedra retirada desses milenários penedos, iguais ao Penedo dos Mouros que lá mais no alto, diziam, «encerrava um tesouro».

Mas João-Pedreiro não perdia tempo a sonhar com tesouros,

todo o dia entregue à música dos guilhos: «pic... pic... pic-pic-pic...» maceta de ferro na mão, sempre na mesma cadência a afeição a pedra, trabalho que exigia não só arte mas também sabedoria no procurar dos veios, uma vez que o granito «se partia como panêlo de barro» — dizia — ao gabar-se de conhecer melhor que ninguém os segredos do granito, principalmente do «dente de cavalo» de cristais grandes, todo pontilhado de mica.

De facto, João Pedreiro há muito que aprendera a conhecer o granito como as suas mãos, embora nada soubesse de rochas magmáticas, nem de sistemas de cristalização, nem porque razão o granito é assim sarapintado e porque tem grãos que brilham ao sol como gotas de orvalho.

Para ele, um penedo sempre foi arredondado, sempre esteve ali, naquele sítio, desde que Deus fez o Mundo. «Feldspato, quartzo, mica,» eram palavras que ele nunca tinha ouvido.

«Isso era conversa de doutores!» — Foi o que ele respondeu ao professor Cunha, quando este lhe puxou pela língua. — Mas que viesse o maior doutor cortar assim, um esteio de pedra, de um palmo de lado por braça e meia de comprido, direitinho, sem o quebrar! Que viesse o mais doutor deles todos, com os seus livros, a ver se conseguia cortar a pedra como quem corta uma maçã...»

De facto, poucos conheciam assim, a ciência de afeição a uma esguia coluna de pedra, segundo velhos ensinamentos, como a conhecia Mestre João, pedreiro conceituado, numa terra onde cada vez havia menos pedreiros a trabalhar por gosto.

E era de facto por gosto que ele trabalhava, a compasso daquele som contínuo que atravessava o rio, a estrada, os lameiros e subia até ao casario espalhado na encosta fronteira. Som apenas interrompido, quando os outros, os do fogo, vinham com o dinamite rasgar esses colossos de pedra arredondados pelo vento e pela água, ao longo de milénios.

Quem o quisesse encontrar, sabia onde, pois sempre ali estava, fizesse o tempo que fizesse. Em dias de chuva miudinha, era vê-lo imperturbável, com um saco de serapilheira pelos ombros e o chapeirão de feltro velho tapando a cabeleira hirsuta «que a chuva nunca furou os ossos» nem tão pouco os arrefecia porque o álcool a correr-lhe nas veias livrava-o de maleitas. Se acaso o calor apertava, desnudava o tronco e os braços cobertos de pêlos negros e grossos, uns braços encordoados de músculos e tendões.

Olhando-se para ele tinha-se a sensação de que ele iria levantar sem esforço um daqueles penedos com um só dos braços imponentes e, simultaneamente, tinha-se a impressão de se estar perante um artista, um escultor todo entregue à sua paixão de transformar a pedra. Ou então, perante um músico, quando alinhadas as cunhas nas estreitas fendas de pedra, nelas martelava compassadamente: «pic... pic... pim!» como se o bloco de pedra dinamitada, fosse um gigantesco xilofone.

Mas tudo tem um fim e o que é bom parece que passa primeiro, porque o diabo anda sempre à espreita a ver se estraga a vida de um homem. E o diabo espreitava-o na figura do Pisca e não o largou mais desde o dia em que lhe falou, na Venda do Landrinhas, e o tentou com a promessa de riquezas que o «Penedo dos Mouros» escondia.

O «Penedo dos Mouros», por causa do qual, há muitos anos atrás, tinham vindo uns graúdos de Barcelos ou do Porto, não se sabia ao certo e tinham mandado pôr umas pedras e uns arames ao redor do penedo a protegê-lo e tudo isto porque na superfície plana de um dos penedos meio enterrado no chão, havia uns desenhos esquisitos, lavrados na pedra: linhas enroscadas, como a corda de um relógio, rodas, covas redondas, e outras coisas que João-Pedreiro vira em pequeno, sem atinar no que aquilo queria dizer.

Dizia-se que o penedo passara a ser dos da Câmara ou dos

do Governo de Lisboa. Fosse de quem fosse, o que era certo é que tinham vindo uns graúdos e, com o falecido padre, por lá tinham andado muitos dias a fio ajudados pelo pai dele, a limpar as pedras, a tirar retratos, a escrever em papeis.

E também ele por lá andara, menino ainda, da escola e da doutrina, olhos esbugalhados e ouvidos atentos às palavras dos da cidade, sem as conseguir entender. Palavras que nunca tinha escutado.

As vezes, ainda ia até lá cima, estirava-se na laje lisa, almofadada de musgo e deixava-se ficar de papo para o ar, numa sesta regalada sem pensar em nada.

Portanto, resistiu facilmente, quando o diabo na pele do Pisca, o veio tentar. Mas o Pisca era o diabo e o diabo não vira costas assim à primeira. E por isso sempre que o encontrava, lá vinha ele à carga, porque assim e porque assado, porque deixa e porque torna e tanto insistiu que a cobiça foi entrando a pouco e pouco no sangue de Mestre João Pedreiro.

E numa tarde de Domingo, à porta da venda do Landrinhas, quando o Pisca voltou a falar no mesmo, ele não se deitou de fora. Depois, tudo aconteceu rapidamente, para desgraça de João-Pedreiro,.

Mal arranjado o dinamite que o Pisca teve artes de descobrir, já ele pim... pim... pim... perfurava o ventre duro da rocha coberta de sinais que os mouros ali tinham deixado para assinalar tesouro escondido. Dias a fio, a trabalhar.

O Pisca veio ver o trabalho e assentar uma vez mais: — «metade para ti, metade para mim do ouro escondido dentro do penedo» (que o penedo era oco, toda a gente o dizia, pois os mouros sabiam abrir e fechar um penedo sem deixar marca de emenda).

E chegou o dia de rebentar com o dinamite. João Pedreiro não era mestre a lidar com o fogo, mas de tanto ver, sempre sabia

dar-lhe um jeito. Assim, com a ajuda do Pisca, carregou os buracos, estendeu o rastilho e, de longe, chegou-lhe o fogo. Breve um estampido surdo e outro e outro, abalaram o chão duro da bouça.

O Pisca, sem se poder conter, levantou-se precipitadamente.

— Cautela, raio!... Olha que ainda falta rebentar um!...

— Não há perigo!...

— Tem mão em ti, que te desgraças, estardalho! Olha que o do meio, não rebentou!

— Ora!... Se não rebentou, já não rebenta!

Mas rebentou. Rebentou e a explosão apanhou-o em cheio. Rebentou o penedo de vez, e rebentou o Pisca, todo chamuscado, da cor do carvão.

Um pouco mais atrás, também Mestre João-Pedreiro que tentara impedir-lhe a aproximação, jazia por terra, esfacelado pelos pedregulhos que a explosão atirara contra o seu corpo de gigante.

Aos seus gritos desesperados, acudiram os de Fontelas, ali em baixo, nos campos. Acudiram e gritaram pelos outros. Trouxeram-nos em cima de umas tábuas até à estrada, onde a ambulância chamada pelo telefone chegava já.

Depois, foram as notícias nos jornais, as fotografias a par, do morto e do ferido, os longos dias de João Pedreiro na enfermaria do hospital e, ainda, a ameaça de ir parar com os ossos à cadeia por usar dinamite sem licença, ter destruído um monumento e ter sido causador de morte de homem.

— Está bem arranjado! A culpa foi desse Pisca (Deus lhe perdoe).

— A culpa foi do Pisca que o desinquietou, mas quem as vai pagar todinhas, é ele... Horas faltas!

— E quanto aos panêlos de libras em ouro... nem pó!

Luta contra a morte, João Pedreiro, o corpo todo remendado, onde pôde ser remendado. Bate o coração de touro bravo no corpo

desamparado e fraco. Bate lentamente, numa teimosia que surpreende.

— Se escapar, está bem servido, está! Mas decerto, não escapa.

— Se ao menos tivesse meios para pagar... Assim, paga com os ossos.

— Ainda se estivesse em condições de fugir para França...

De uma maneira ou de outra, não voltará ao pinhal. Calou-se o xilofone da bouça da Raposeira. Calou-se o pic-pic-catrapic de Mestre João, o único pedreiro a valer numa terra em que cada vez há menos pedreiros. Não mais será visto sob a ramaria dos pinheiros, pico numa mão, maceta na outra, no seu musical jeito de artista:

Pic... pic... pic-pic-pic!

Pic... pic... pic-pic-pic...

LAURINDA, JOÃO E ROSA

Laurinda, João e Rosa três irmãos sós e solteiros a viver na casa grande, a casa que herdaram dos pais.

Três cabeças já grisalhas, três faces um pouco rugosas, três pares de braços rijos, ainda batalhadores. Três salas carunchentas, duas alcovas sombrias, três janelas que se abrem para três campos, três bouças, e mais os lameiros verdes, sustento de seis cabeças de gado turino e barroso.

Laurinda, João e Rosa, os herdeiros principais da velha casa da Naia. Os terços, a meia-acção, tudo lhes deram os pais. A casa grande, três campos e mais três leiras, três bouças, três caixas cheias de grão, três pipos bem atestados, a salgadeira, o fumeiro e as fartas capoeiras. Fartura até mais não, na casa dos três irmãos.

Laurinda, João e Rosa, nos cinquenta e tal de idade. Sem filhos, sem afilhados, sem ninguém a quem deixar, a não ser os sobrinhos do Rio e de Vessadas, mas esses filhos dum raio nem de longe os querem ver desde a questão das partilhas. Nem os sobrinhos da Gândara, que o cunhado Adelino também não é boa rez. Sobrinhos de fraca cepa, por lado dos pais, está visto, que as mães não eram ruins quando ainda eram solteiras e viviam na casa grande e trabalhavam ali, todos juntos par a par, às ordens do Senhor Pai.

Laurinda, João e Rosa, senhores de casa farta e de braços vigorosos. Não precisam dos sobrinhos nem da ajuda de ninguém. No

aperto do serviço, há sempre quem deite a mão. Fora disso, podem bem. Cada ano, mais uns contos arrecadados no Banco.

Cada ano, menos forças no sangue ainda saudável.

*

E depois?

E depois, que há de ser? Tu já pensaste, João? Tu já pensaste, ó Laurinda?

E passam os dias, meses, sucedem-se as estações. vem o calor vem o frio, as chuvas, os vendavais... A tudo resistem bem.

— Mas, e depois?

— E depois como há-de ser? A gente assim não está bem...

— Ai não está bem, não senhor... Nós caminhamos para velhos. E quem há-de olhar por nós?

— Quer os sobrinhos do Rio, quer os sobrinhos da Gândara, deles, nos livre o Senhor... Se vinham tratar da gente, estávamos nós bem servidos...

— Eu, das mãos deles, não quero nem uma água de caldo!

— A gente assim não está bem...

— Ai não está bem, não está, não!

Na alcova fria e escura, Laurinda e Rosa conversam. Conversam todas as noites, nas horas longas de inverno em que o corpo tem descanso (mais até do que o preciso) sobre a palha do colchão.

— Eu já me lembrei, ó Laurinda, que se o nosso moço casasse...

— Eu já trouxe isso na ideia...

— A Lipordina?

— Por aqui não há melhor. A gente ficava bem com a Lipordina cá em casa... Trabalhadeira... Calada... E possante para o trabalho.

— E não é tola por luxos...

— Todos os Sás são assim! Tementes a Deus, poupados... Só cuidam de trabalhar... E a Lipordina já traz essa educação com ela...

— A moça mamou bom leite. Olha que já a avó dela, a tia Rosa do Sá...

E falam, falam em surdina, para que o irmão não as oiça. Falam sempre no mesmo até o dia romper. E, pelo dia adiante, quando conversam a sós, dizem uma para a outra o que lhes anda na ideia...

— Ela é ainda muito nova...

— Já fez vinte pelos Santos!

— E de seu... pouco mais tem do que nada...

— Olha que é boa cachopa!

— Boa cachopa isso é! O mal todo, é o namoro... Agora está na tropa e é raro vir a casa...

— A gente há-de-a conversar... Chama-se cá para uma ajuda... O moço, conversado está. Não há-de fazer questão...

— E prometemos-lhe «arranjo». De tudo aquilo que é nosso, se ela nos tratar bem, até à hora da morte...

*

E passaram dias, meses... Passaram as estações. De novo veio o inverno...

E numa manhã de frio, logo que a missa acabou, a Leopoldina e o João, as irmãs e os pais dela, sem luxos, sem flores, sem velas, ajoelharam na Igreja e veio o Padre e casou Se João e Leopoldina. Casou-os apressadamente, sem lhes dar grandes conselhos nem fazer alocução.

Não houve jantar de boda, nem arcos festivos, flores, nem rosca de casamento para levar aos amigos, nem sequer um auto-

móvel para passear os noivos por Barcelos e por Braga, por Sameiro e Bom Jesus.

Apenas a cerimónia na igreja fria e vazia, novas promessas de «arranjo», uma outra vida à espera e um dia como os mais.

E a freguesia falou. Uns concordaram, outros não. Que a freguesia, agora, está dividida a meio. Em duas castas distintas. A gente dos «franceses» e daqueles que os imitam, apurada no vestir, no «fazer ver» nos despiques... e a gente à moda antiga que ainda vive para a terra, que a respeita, defende, que traz a terra na pele, terra-sangue, terra-mãe.

E a gente da nova casta riu-se, falou, criticou a moça casada com velho, mas os outros, os antigos, que trazem a terra no sangue, acharam bem e gabaram essa moça ajuizada que agora tem que comer e que beber à fartura.

E gabaram a boa escolha que os três irmãos fizeram. Boa escolha, sim senhor!

Moça sã, trabalhadeira, de gente temente a Deus, poupados e muito sérios... Eles vão ter sorte com ela... A moça é que lhes há-de valer...

E a moça deixou a casa onde nasceu e cresceu. Passou para a casa grande. Dorme na alcova sombria na cama do Se João. Tornou-se mais quente a casa. Tudo rejuvenesceu, com a Leopoldina ali, calada, trabalhadeira...

«A nossa Dina», diz Rosa e diz Laurinda também, quando tem de falar dela. É tudo «a nossa Dina...» A «nossa Dina» para aqui, a «nossa Dina» para ali...

— A cachopa anda amarela... e fastienta...

— Se calhar... Ai, decerto, é mesmo...

— Ó Santa Marta Bendita! Já lhe prometi uma vela...

— E eu também fiz promessa...

— Havia de ser menina...

— Tudo o que o Senhor der é bom. Desde que seja sãozinho...

E venha um de cada vez... Não há-de faltar que comer. Temos muito que lhes dar...

— Temos, graças ao Senhor...

*

Veio Março, veio Abril, o sol morno, a seiva, o pólen. O milho e as batateiras romperam a terra nua, pontilharam-na de verde. Esvoaçam sobre os ribeiros, borboletas e libélulas.

O centeio é menos verde, começa a pender a espiga. Já ondula o azevém. São muito grandes os dias e bem pequeno o descanso...

Cresce o milho e os ramos verdes e o ventre jovem de Dina, senhora de casa grande, de três campos e três leiras, hortas, bouças e lameiros e seis cabeças de gado.

— Come Dina! Tu não comes?

— Não Senhora, não quero mais. Coma vocemessê...

— Ai Santa Marta Bendita, livrai do perigo a cachopa! Ela anda tão fastienta...

— Mata-se um frango, um coelho... enceta-se já o presunto...

E a Rosa vai ao fumeiro e Laurinda à capoeira e Se João vai à feira e traz-lhe carne do talho, regueifa e vinho fino para ela fazer gemadas.

Rosa, Laurinda e João, todos três em roda viva...

— Come Dina, come e bebe, mete para dentro, cachopa! Tu tens de comer por dois... Porque se não o criança, parece um gato esfolado.

— A rapariga está branda... Tem tido mau geradoiro... O que vale é que isso passa...

— Ai Santa Marta Bendita! Ai que tudo corra bem...

— Nossa Senhora do Ó! Não queremos que se estrague, que se estragava a criança...

— Ó Dina, foge do sol!

— Ó Dina, não cheires flores... Nem pegues nesses coelhos...

— Dina, não carregues tanto! Leva o cesto mais vazio!

E passam-se mais semanas.

Volta a cor à face lisa de Leopoldina da Naia. Come bem, bebe melhor. É um gosto olhar para ela...

E mais semanas se passam.

Aloiram-se os milheirais, o sol é já menos quente. Tingem-se de negro as uvas. A faina é grande outra vez.

Laurinda, Rosa e João cada vez mais açodados, estão atentos às luas, fazem contas de cabeça, mandam a moça a Barcelos, a uma feira e mais outra e sempre mandam que traga o preciso para o crianço. Tem de ser bem estimado! Como o filho dum rei!

E vem o frio de novo.

Os pipos estão atestados, a ceva está medrada e outra a acabar de medrar. As caixas cheias de grão. Nas lojas, as batatas, as cebolas e os alhos chegam bem para todo o ano. E chegam para vender! E na vasta capoeira, dezasseis galinhas gordas aguardam que chegue a hora...

E a hora chegou finalmente.

Chegou com a madrugada e pôs tudo em alvoroço. Contrai-se a moça com dores. Levanta-se, logo se deita. Corre o marido a chamar a sogra e a Se Custódia que logo vêm açodadas. Já ninguém descansa mais. Passeia a moça na sala, amparada pelas velhas. As dores são já mais fortes. Duas lancetas cravadas na cintura da cachopa. Falam as velhas com ela, animam-na com palavras. Elas sabem o que isso é! Ninguém a deixa sozinha.

Acende-se uma fogueira na cozinha fumarenta. O tempo quase parou. Baila a fogueira inquieta. E os olhos enrugados de João, Rosa e Laurinda são como chamas, também.

Toda a casa está suspensa.

Se João não pode mais. Foge para o fundo dos campos, mal clareia a manhã. Vai conversar com a terra, contar-lhe a sua angústia, que a terra é como uma mãe. Escuta sempre os queixumes.

Se Laurinda essa, coitada, parece que mais não sabe se não atizar o lume, aquecer água nos potes, pô-los todos a ferver. E fala sozinha, sorri e vai da cozinha à sala, vai espreitar à alcova, em vez de ajudar, estorva...

Se Rosa foi acender duas velas às Alminhas, no nicho da encruzilhada. A lamparina e outras duas no oratório da sala, ao Senhor dos Aflitos.

Mais horas passam ainda. Já o sol se levantou. Já chega à beira da porta.

— Nossa Senhora do Parto!

— Ó Santa Marta Bendita!

— Nossa Senhora do Ó!

Laurinda, João e Rosa, três gargantas apertadas, três pares de braços parados.

«Tudo está a correr bem! Tem de se dar tempo ao tempo... Já não tarda...» Vem informar a Se Custódia Lameira. «Já não tarda». E não tardou.

Mais um grito, mais um esforço (que a moça é bem possante), mais um incitamento e as mãos treinadas e duras de Se Custódia Lameira aparam com segurança uma menina gordinha, vermelhusca e já berrona. E logo surgem à porta entreaberta da alcova, os rostos embasbacados de Se Laurinda e Se Rosa, olhando a avó da criança a tratar dela enquanto Se Custódia cuida ainda, da pobre Dina cansada.

Mais uns minutos e enfim, no colchão de palha dura repousa entre os lençóis Leopoldina da Naia, toda dorida e cansada.

Laurinda e Rosa atropelam-se, vão da alcova para a sala e da sala para a cozinha. São duas galinhas tontas.

Já está vestida, a menina. Tudo novinho, a estrear! Se Rosa

pega na criança e Se Laurinda a seguir. Nada mais sabem as tontas. Esqueceram-se da fogueira e até do próprio irmão lá para o fundo dos campos, sozinho com a terra-mãe. Esqueceram-se dos bichos a berrar pelo comer e de matar a galinha mais gorda da capoeira.

É a mãe da Leopoldina que agora trata de tudo — almoço para Se Custódia, água de unto para a filha. É ela que chama o genro e lhe dá a boa nova.

João, Laurinda e Rosa, três faces um pouco enrugadas, três cabeças já grisalhas, três olhares luminosos, debruçados para a menina engelhada e vermelhusca.

— Tão linda! Tão perfeitinha!

— Tão fera, graças a Deus!

— Graças a Deus, tão fèrinha...

Levam a menina para a sala, para a Dina descansar.

Está contente a Tia Ana de ver a filha estimada. «Ela é aqui uma rainha!» — diz para a Custódia Lameira.

— E ela que não queria! Lá com a ideia do outro...

— Não tinha comparação!

— Bem tola era ela! Até a estragam com mimos! E vão estragar a menina. O primeiro é sempre assim. Quando ela tiver mais ... Eles parecem tolinhos!

— O povo falou para aí... Falou com raiva, claro.

— Tomaram muitos a sorte!

— Canté!

Passam as horas ligeiras.

Corre a tarde alegremente. Sopra lá fora a nortada. Há frio pelos caminhos. Mas, de sala em sala, a menina ao colo das tias tontas, enche a casa de calor, de sol doirado, de luz.

Parece que chegou Março, que tudo rejuvenesce e que o vento canta loas nos braços nus da figueira. Vai ter três mães, a meni-

na. Três regaços protectores, três cantigas de embalar, três bençãos, três orações.

Vai ter três mães a menina, esta menina ditosa que trouxe consigo Março e um punhado de sol para os três irmãos grisalhos já pesados no andar. Estas três cabeças tontas que não têm mais que olhar, não sabem mais que dizer:

— Como é linda e encorpada!

— Parece o Menino Deus!

— O Senhor a fade bem!

João, Laurinda e Rosa, três cabeças já cinzentas, três faces já enrugadas, três olhares luminosos, três corações a compasso agora mais vigorosos, mais jovens, com mais calor que o sangue parece a seiva nos ramos das velhas árvores, quando chega o mês de Março.

João, Laurinda e Rosa, três cabeças já grisalhas, três faces rejuvenescidas, três olhares de ternura, três pares de braços tão cheios como se abarcassem neles toda a terra, todo o sol, toda a graça dos riachos, todo o orgulho das montanhas, toda a força das correntes.

A BORBOLETA

Inquieta e leve, a borboleta esvoaçava ao redor da tulipa vermelha que emergia dum vaso. Vinda não se sabia donde, as suas asas quase brancas brilhavam à luz do sol com reflexos sedosos e o animalzinho parecia estremecer álaure e frágil como que agitado por um frémito interior.

Poisou na corola vermelha e, por momentos, mergulhou no interior da flor, explorando-a, enquanto a rapariga se conservava quieta, com a respiração suspensa.

No braço caído segurava o regador enquanto o olhava imóvel e silenciosa, como que fascinada. De repente, o garoto que traqui-nava por ali, tocou-lhe no braço:

— Olha Rosa!

Aproximou-se do vaso e sacudiu a haste da flor, e logo a borboleta, num rápido bater de asas se escapou veloz. Voltou ainda, esvoaçando alvoroçada em torno das flores e, por fim, num voo ziguezagueante, foi parar mais além, sob o olhar distante da rapariga. Uma multidão de recordações e de mil imagens — rostos, flores, animais, — invadiu lentamente a sua alma e, dominada pela visão dos campos que o insecto evocava no seu espírito, fechou os olhos por momentos, ausentando-se do ambiente que a rodeava. Nitidamente, as casas da aldeia vieram até ela e, no meio delas, a casa singela onde nascera e donde a tiraram mal completados os doze anos, para servir na cidade longínqua e agitada.

Embora fossem raras as que se dedicavam, ainda, à profissão de empregada doméstica, ela aceitara-a com entusiasmo, seduzida pela promessa de que, aos catorze anos, iria frequentar um curso nocturno na mira de vir a ser professora, lá na sua aldeia.

Aliás era frequente, mal terminada a instrução primária, começarem a pagar com o braço, o pão que comiam. Daí aceitar a sua nova situação naturalmente, esforçando-se por se adaptar. Os meninos gostavam da sua companhia. E os patrões todo o dia fora de casa, não eram maus nem implicativos. Apenas indiferentes. Achavam que ela lhes pertencia, uma vez que lhe pagavam e passavam o dia sem pensar nela, sem lhe dirigir palavras que não fossem ordens ou observações.

Ela acabara por se habituar, também, a essa frieza como se habituara a viver enclausurada naquele andar, igual a tantos do prédio, longe das árvores, dos campos, do sol caindo a jorros, livremente, sobre seres e coisas.

A princípio, temera a cidade que parecia querer amarfanhá-la como um polvo de mil tentáculos, asfixiando-a, mas agora, enquanto trabalhava, o seu pensamento estava sempre no fim da tarde, não só pelas aulas que frequentava já, com entusiasmo, mas também pelo longo passeio por avenidas e praças ajardinadas, em breve contacto com a Natureza.

Decorreram largos minutos de silêncio e a face tomara uma expressão ausente e meditativa. Na sua frente, Maria Rosa não via os blocos de cimento pesados e arrogantes. Continuava a ver, apenas, prados com macieiras redondas e borboletas multicolores esvoaçando nos espaços azuis que cobriam a terra.

Via o Cávado correndo ligeiro e alegre, em direcção ao mar, ladeado por duas filas de choupos e salgueiros onde borboletas esvoaçavam. Via caminhos orlados de silvas, cujas hastes delgadas

e espinhosas se debruçavam sobre o caminho oferecendo o seu contacto agressivo.

Sentia mesmo o cheiro a fumo da lenha resinosa que irrompia dos telhados antigos. Quase lhe parecia sentir o perfume acre da erva recém-cortada e o calor do sol batendo-lhe no rosto trigueiro, esse sol que encharcava os campos por onde ela corria com as companheiras, num passado não muito distante, atrás das borboletas que poisavam de flor em flor.

De repente, pareceu-lhe ouvir as vozes da Micas, da Cinda, da Mila vindas de fora, chamando por ela. Não podia ser, ela bem o sabia, mas, inconscientemente, voltou o rosto nessa direcção e, por momentos, julgou vê-las aparecer na rua vindas com a multidão apressada que, lá em baixo, formigava.

O rapazinho correu pela varanda e, inquieta, a borboleta levantou voo.

Sobressaltada, Rosa olhou o animal que desaparecia para lá da varanda, parecendo-lhe que o insecto levava com ele todo o sol que, obliquamente, caía sobre os vasos, e o seu rosto ensombrou-se.

— Menino feio! — censurou, voltando-se lentamente.

Como se tivesse tido um sonho, olhou em redor a tomar contacto com a realidade. Depois, recomeçou o trabalho enquanto as lágrimas lhe corriam pelo rosto, num pranto silencioso, num pranto sem soluços nem ais.

Fez-se um longo silêncio.

O pequeno arregalou para ela um olhar de incompreensão:

— Não chores mais, não?

Mudamente, ela acenou a resposta e o pequeno pareceu ficar satisfeito. Depois, excitado, correu para dentro:

— Mãe! A Rosa viu uma borboleta e começou a chorar! É pateta, não é, Mãe?

A senhora, sorriu aquiescendo e, afagando-lhe distraidamente o cabelo, retomou a leitura interrompida.

GENTE DA TERRA

Tangem os sinos da Igreja de Fonte Vera. Pombas esvoaçam inquietas, sob o céu desta manhã de Maio, fresca e alegre, tão alegre que nem o tanger dos sinos nem o desfilar de rostos compenetrados e graves, nem os crepes negros que forram a igreja centenária, conseguem perturbar.

As portas do Passal estão abertas de par em par e um mar de gente invade a sala, a varanda, as escadas de pedra (tão centenárias como a igreja) e o terreiro onde a bica musguenta não interrompeu o seu cantar.

A glicínia que cobre o tanque como um dossel, deixa que a brisa fresca, a mesma que encrespa a superfície lisa das águas, espalhe o perfume dos seus cachos lilases por sobre este mar de gente.

Era aqui junto da bica cristalina, que Padre Manuel gostava de se sentar nos dias abafadiços e parados ou então, em horas silenciosas, a rezar obrigações do breviário, protegido pela frescura da glicínia ramalhuda.

Agora, está lá em cima, na sala grande, vestido de seda e de rendas, a expressão grave e fechada, uma expressão que não se lhe conhecia. Vulto jazente, imóvel, que nada tem a ver com Padre Manuel franco e conversador, da nossa memória. Nada nesse vulto silencioso faz recordar a exuberância de Padre Manuel, nas homilias dos Domingos, quando, antes do Credo se voltava para o povo e a sua voz forte, clara, revoava por cima das cabeças, enchendo

toda a igreja: — «Meus amigos, como vós sabeis, ecuménico quer dizer universal. Portanto o Concílio Ecuménico...» ou então «Há em Paris, no Museu do Louvre, um quadro maravilhoso de um pintor célebre, que...»

Eu não resistia a olhar de soslaio, os rostos mais ou menos brancos, pronta a colher neles expressões de desinteresse, de enfado ou de incompreensão. Mas não. Os olhares de ordinário matreiros, rudes ou desconfiados, estavam agora como que fascinados, suspensos dos gestos dele, dos seus arrebatamentos, das palavras que nem sempre entendiam.

Não. Esse vulto nada tem a ver com o Padre Manuel que subia ladeiras e descia encostas para visitar aqueles que a doença tolhia dentro de portas. Esse mesmo que se sentava junto da cama da velha Maria Chora-Chora, ou da mulher do Capelas paralisada por uma esclerose precoce, ou do filho da Milhazes, a contar histórias do arco-da-velha, a iluminar aquele ar sombrio com o seu riso espontâneo e contagiante. Ou então, a ensaiar modinhas no cavaquinho ou na gaita de beijos.

O Padre Manuel que jogava a bola com o garotio, que lhes dava rebuçados por prémio e safanões por castigo, que irado, se insurgia em certos funerais contra o berreiro convencional com que os herdeiros se pranteavam excessivamente, a ponto de abafar as suas rezas, como aconteceu no funeral do velho Lino Chuço.

Esse mesmo que na missa de corpo presente do jóvem Luís electricista, não pôde dominar a sua comoção, na voz embargada de soluços e nas lágrimas como punhos que no rosto de barba dura corriam quatro a quatro. O Luís electricista que vinha ali para o adro, sempre que lho permitiam os pulmões esburacados, pronto a beber as histórias de Padre Manuel, pronto a colaborar com ele na iluminação da Igreja, quando das festas do Padroeiro ou das Novenas do Menino. Pronto a fazer pequenas reparações nas instalações eléctricas dos altares velhos.

Ninguém se admirou, portanto, do seu rosto dolorido, nem de o ver chorar como qualquer mulher, ao lançar-lhe a absolvição final.

Aliás, ninguém se admirava já com as suas decisões e atitudes. Ninguém se admirava com Padre Manuel rude e generoso, sentimental e simples, quando sentado a qualquer modesta lareira, trincava a côdea que tirara da masseira e, nas cozinhas abastadas cortava do fumeiro um pedaço de presunto, com o mesmo à vontade com que o fazia em sua casa para oferecer a qualquer um.

O mesmo que entrava nas tabernas da terra, se sentava a mesa do jogo da bisca, como se estivesse interessado nas jogadas e, daí a pouco, sem se saber bem como, o jogo era interrompido, as histórias do arco-da-velha vinham e breve as gargalhadas dos homens enchiam toda a quadra.

E quando Padre Manuel se levantava, era para os levar consigo pela estrada, docilmente, presos da sua presença, das suas palavras, da sua alegria de viver.

Padre Manuel que naquele dia da festa da Senhora da Graça (era o maior orador sacro de todas as redondezas) ao assistir silencioso, atento, na porta da sacristia, à discussão cada vez mais violenta entre os da Confraria e o Padre da freguesia, num impulso, tirou das mãos ameaçadoras de um deles, o lóvão e levou-os a todos de roldão, na sua frente, a aparar-lhes as pancadas, o varapau a girar com destreza por sobre a sua cabeça, a varrer tudo na sua frente, como o vento furioso de Fevereiro varre tudo o que se lhe opõe.

E quando dois deles tombaram e a refrega terminou, ele mesmo sem a joda de ninguém, meteu-os no carro (possante como poucos, Padre Manuel) e levou-os à Vila para que os curassem. Depois voltou, subiu ao púlpito como se nada tivesse acontecido, e as palavras brotaram espontâneamente, claras fluentes, arrebatadoras.

No dia em que quiseram festejar os dez anos da sua vinda para a Paróquia e todos os homens importantes da terra quiseram confraternizar com ele num gigantesco pic-nic, sob as árvores do adro da Capela da Senhora dos Remédios, Padre Manuel aceitou, «que lá para a pândega estava ele sempre pronto!». Impôs, porém uma condição: «Queria que todos os homens da freguesia fossem convidados. Mesmo os vadios e os bêbados.» (Ele custearia a parte deles). E assim se fez. E houve também quem não gostasse e dissesse que o Padre era «liberal demais».

Mas «ajuntamento» como aquele, nunca mais se viu. «Coisa linda! De fazer esquecer chanças e invejidades» como diria o Zé dos Camiões. De facto, e segundo ele, era Padre Manuel quem mais animava a festa: — a tocar cavaquinho, a cantar ao desafio com Tone-Quim do Fontão, a puxar pela língua ao Abílio da Venda, a sentar à sua direita o electricista tuberculoso de quem, impiedosamente, alguns se arredavam, claramente receosos de contágio.

E é por essas atitudes e outras mais, que eles estão agora ali, a prestar a derradeira homenagem a Padre Manuel: O Padre Manuel dos merendeiros e caçadas, das procissões e dos sermões retumbantes. Padre Manuel das cantigas ao desafio, do cavaquinho e da velha rabeça.

Há já uma pequena multidão que se espalha até ao adro. Chegam automóveis e mais automóveis. Até camionetes de passageiros alvejam na estrada poeirenta: padres, doutores, cónegos e até um representante do Arcebispo da Diocese: «Gente graúda» no dizer da Milhazes, «Que Padre como este...»

Ela não se esquece de que quanto o filho estava com aquela brandeza no sangue e do hospital pediam sangue, muito sangue, para que ele pudesse voltar aos campos de Fonte Vera, foi Padre Manuel o primeiro a comparecer no hospital a oferecer as suas veias. (Ele sabia que depois dele, outros iriam. E assim aconteceu.) De pouco valeu. Mas seja como for, ela não pode esquecer. Nem

igualmente se poderá esquecer tão cedo, deste dia. Nem ela, nem ninguém.

Hoje é um dia triste. Importante e triste. Dia que vai ficar na memória de Fonte Vera. Hoje em toda a aldeia e mesmo nas redondezas, ninguém se importa com as sementeiras, nem com a sulfagem urgente das videiras cobertas de folhagem tenra, nem com as hortas e batatais. Até o gado que berra nas cortes, ansioso por erva fresca e ar livre, não consegue chamar-lhes a atenção.

Todos se sentem atingidos por aquela perda inesperada, porque todos têm um ou mais factos da sua vida ligados à vida de Padre Manuel: — Questões de honra e de Justiça. Brigas e reconciliações. Tristezas e alegrias. Casamentos, baptizados, doenças, morte.

*

Padre Manuel deixou já, para sempre, a casa que foi sua durante mais de vinte anos.

Agora está na Igreja, mas a sua voz forte não mais retumbará pela nave, durante as suas homilias inesquecíveis, esta nave relativamente ampla e que hoje não pode conter um quinto das pessoas.

Por isso o adro e a estrada que leva ao cemitério, regurgitam de gente de todas as idades e condições sociais.

Em todos os pequenos grupos se fala de Padre Manuel, das suas virtudes e qualidades, de factos directa ou indirectamente a ele ligados. Dr. Moreira, Dr. Serafim, Dr. Américo, falam de Padre Manuel com voz grave e pausada.

É sobretudo, a sua inteligência, a sua cultura, os seus dotes de orador que eles agora põem em relevo: Fico a saber que, várias vezes solicitado para professor do seminário, outras tantas conseguiu, airosamente, esquivar-se. Os corredores sombrios e nus do seminário não eram de molde a poder conter a sua natureza ardente e espontânea.

Agora, já no cemitério, Cónego Fernandes, em nome do seu Bispo faz o ilogio final. Fala ainda o Presidente da Câmara e outros, cada qual o mais fluentemente, o mais brilhantemente possível. Falam o Arcipreste e colegas de todas as idades. As palavras sucedem-se, palavras que todos consideram justas e merecidas: Palavras recamadas de sabedoria e espiritualidade.

Aqui ao lado, Maria Carvalha, velha de perto de oitenta, murmura Padre-Nossos molhados de lágrimas: «Um santo!» — diz baixinho, «Um santinho!» Deixa que as lágrimas lhe lavem o rosto encardido: «Um Santo!»

Tone-Quim do Fontão, está encostado ao muro, abatido, calado, tendo por companhia o Criquinhas, vagabundo incorrigível além de bêbado e mendigo. Mas neste momento ambos estão sóbrios. Nota-se bem no olhar mortiço de cada um deles, nos gestos trémulos, no ar desamparado que ostentam.

Oiço ainda novas e diversas considerações sobre a vida e a morte. Oiço palavras soltas de mágoa e saudade, ante esta morte prematura e quase inesperada de Padre Manuel.

Oiço palavras que recordam já factos da sua vida passada. Oiço a mãe do Luís electricista murmurar «O Senhor o tenha à sua mão direita! Era um Santo...» E o Capelas, apoiando-a: «Um Santo, sim Senhor! Um Santo.»

E oiço Tone Quim do Fontão que na sua voz desamparada, diz apenas:

— Era um gajo porreiro!

FOME, SEDE E SONO

Dois dias se torcera com dores, mordendo às escondidas as mãos e as roupas para abafar os gritos que lhe subiam das entranhas retalhadas por mil punhais. Toda a noite lutara por quebrar o anel de ferro que lhe supliciava o ventre e impedia que uma nova vida brotasse da sua vida.

Finalmente, o anel partiu-se e a cabecita clara e viscosa apontou à luz do dia a abrir caminho para a vida e, num rompante, foi cair nas mãos da velha e logo as dores serenaram. De rosto fechado, a velha auxiliara-a, nas últimas horas, o melhor que pôde e trouxe mesmo, um alguidar de água tépida para lavar o neto não abençoado.

Depois, levou dali a placenta para a enterrar junto do ribeiro porque maior desgraça seria se o leite secasse à cachopa, e ainda teve tempo de lhe dar uma água de unto, às escondidas do pai, apesar de ele ter trovejado:

— Deixa essa cadela ganir p'raí!...

Mas ela não deixara. Que uma mãe é sempre uma mãe, já lá dizia a cantiga. E, além disso, se ela morresse ao abandono a Justiça podia vir em cima deles... E mesmo que não viesse o povo havia de falar. E o povo quando fala...

— És tão cadela com'a ela!... — atirou já da porta da cozinha.

Ela não respondeu. Sabia que ele não deixava de ter razão. A vergonha fôra grande. Para mais agradar-se dum bandalho qualquer... E então da raça dos Quicos...

Mas ela era mulher e não podia ver a rapariga dois dias a torcer-se com dores, a morder o lenço para não gritar. Assim, deitara mão dum subterfúgio: «Tinha de fazer a barrela... E tinha de cozer o pão... Em toda a noite não se deitaria e, enquanto o homem ressonasse na alcova ela poderia repartir-se entre o forno e o quarto da cachopa, ali perto da cozinha».

E repartiu-se. Toda a noite, a bem dizer, não pregou olho, dum lado para o outro, numa dobadoira.

Já a pardalada começava a cantar na laranjeira da horta quando a paz desceu sobre o corpo da jovem, retalhado por mil punhais. Um cansaço enorme invadia-a. Serenada, agora, das muitas dores sofridas e com o estômago reconfortado pela queutura da água de unto, nada mais desejava se não dormir. Dormir profundamente, esquecer as longas horas de agonia e desespero, dormir simplesmente.

A mãe, à hora do meio-dia, depois de pôr o comer na mesa veio vê-la de fugida e achou-a a dormir profundamente, mas não pôde demorar-se junto dela porque a voz do homem vinda da cozinha, logo trovejou:

— Tens aí que cheirar?

— Ó homem, valha-te as Cinco Chagas...

— Vens ou não vens?!...

E ela foi. E depois, outro remédio não teve se não seguir com ele para o campo da Retorta, para lá do rio e o silêncio envolveu a velha casa e o quinteiro onde galinhas esgravatavam à procura de grãos perdidos e onde o porco, estirado nas palhas, dormia mansamente.

Já a tarde ia em meio quando Joaquina acordou. Deixou-se ficar, ensonada ainda, no silêncio profundo que reinava por toda a casa e que apenas era interrompido pela corrida furtiva de algum rato ou pelo estalar da madeira ressequida. Deixou-se ficar no

silêncio, gozando a paz que envolvia o seu corpo e a casa parada. Vindo da cozinha, o cheiro a pão quente envolveu-a e logo uma sensação de fome a tomou. Uma sensação de fome que lhe contraía o estômago robusto, há mais de dois dias sem nada digerir a não ser a água de unto, bebida pela manhã.

Lembrou-se, de repente, das galinhas cozidas, tenras, que as parturientes comiam acompanhadas de pão de mistura ou até mesmo de regueifa. Assim era sempre que as irmãs casadas tinham os filhos. A imagem das galinhas que costumava cozinhar para as irmãs, bailava-lhe por detrás dos olhos semi-cerrados, cada vez com mais nitidez, naquela espécie de devaneio. Galinhas cozidas, muito gordas e tenras, bem cheirosas.

Mas contrariando o seu devanear, veio de novo até ela, real e mais intenso ainda, em ondas sucessivas, o cheiro a pão. Um cheiro a pão quente, que lhe penetrava as narinas supliciando-a e aumentando aquela fome que lhe roía as entranhas.

O calor começou a incomodá-la naquele quarto abafadiço. Sentia a garganta seca e uma sede que aumentava de minuto a minuto, ressequindo-lhe a boca e a garganta ao mesmo tempo que o estômago vazio a torturava cada vez mais. Aquele cheiro bom, de pão recém-cozido penetrava-a, corria-lhe pelo sangue, enchia-lhe o cérebro de imagens onde as côdeas da boroa de milho, quentes ainda, estaladiças, tinham o primeiro lugar.

E se comesse?

Não. Não podia comer. Isso nunca. Podia morrer. Lembrava-se de histórias de mulheres que haviam comido isto e aquilo, que tinham andado a pé antes do devido tempo e a todas a morte ceifara.

E se se levantasse? E se fosse comer só uma côdea?

Não. Podia morrer... E, antes, havia de ficar para ali a agonizar na cama, sozinha como um cão ou, então, a ouvir recriações, mais ainda do que aquelas que já ouvira...

Do velho tanque de granito vinha o rumorejar da bica, aumentando-lhe a sede que a torturava e da cozinha chegava até ela, implacável, o cheiro a pão. Um cheiro cada vez mais intenso, que a envolvia, enchia todo o quarto, a casa, penetrava-lhe nas narinas, parecia mesmo, que se infiltrava na pele e no sangue. Um cheiro que lhe punha formigueiros nas pernas e nos dedos, não a deixando sossegar nem pensar em nada se não nas boroas loiras, húmidas ainda, encostadas às paredes do forno.

E se fosse comer?

Não. Podia morrer ela era nova e tinha a vida diante dela e lá fora havia sol e plantas cheias de seiva e animais que corriam sobre a terra negra. E havia gentes que àquela hora, lidavam nos campos e falavam das coisas que os rodeavam e chalaceavam e suavam e riam.

Não. Ela não podia morrer como morreu a Micas do Maneta, escoadinha de sangue, ou a Ana Cuca, roidinha pela febre, numa agonia que durou quatro dias. Ela não queria morrer. Por isso resistia à tentação daquele cheiro bom a pão cozido que, como uma serpente, se enroscava nela, lhe fazia contrair ainda mais, o estômago vazio.

Não. Ela não queria morrer. Havia, ainda, de conquistar a vida, de se rir. Mais ainda: de mostrar a esse bandalho que onde quer poderia arranjar coisa melhor. E não se fiaria em falinhas mansas como as dele. Nenhum a apanharia mais, não. Aquele que lhe botasse, agora, os olhos havia de ser para a levar ao arco da igreja. Estava mais que escarmentada. Por isso queria viver. Para se rir dele, para cuspir para o lado quando por ele passasse, para lhe provar que, para arranjar melhor que ele não precisava de correr muito.

Por breves minutos esqueceu o cheiro a pão fresco. O menino agitou-se um pouco e voltou a serenar na quentura que envolvia o corpo vermelhusco. Olhou-o sem preocupação. Havia de se criar

com a ajuda de Deus. O leite não havia de faltar no peito robusto e, depois, uma tijela de caldo a mais não arruinava ninguém.

De resto, sabia que o pai precisava dos seus braços fortes para o amanhã dos campos e isso dava-lhe certa segurança. Sorriu. Mas, de novo, o cheiro bom a pão fresco lhe penetrou nas narinas com redobrada intensidade, alvoroçando-lhe, ainda mais, o estômago vazio, reacendendo a tentação.

E se comesse? E se comesse? E se comesse?

Tentou resistir, mas antes de se perder em novas considerações, as pernas inclinaram-se para o chão e os pés procuraram os socos no soalho encardido. Incapaz de se conter por mais tempo, acabou por se erguer, sair do colchão. Uma leve tontura fê-la parar, segurar-se à ombreira da porta mas anulando qualquer foco de resistência, já as pernas a levavam para a cozinha e já os seus olhos buscavam, famintos, o boqueirão negro do forno ainda quente.

Sem se poder conter por mais tempo, as mãos, sôfregas, partiram um pedaço de pão e levaram-no avidamente à boca. Engoliu os primeiros bocados quase sem mastigar, ali de pé, à beira da boca escancarada do forno. A sede que quase esquecera, apoquentou-a de novo com mais intensidade. Foi ao armário, mas nada havia na infusa de barro.

E se fosse à adega?

Mas... E o fresco da loja? E as escadas? As parturientes não podiam descer escadas. Era perigoso, sempre ouvira dizer... Pensou em beber água do cântaro mas este estava igualmente vazio. Além disso, «a água fria e pão quente já tinham matado gente...»

Ora! Já agora se tivesse de morrer, morria à mesma. Tanto valia correr como saltar!

Numa súbita resolução, agarrou numa malga e, lentamente, começou a descer as escadas escorregadias que da cozinha levavam à adega. Encheu a malga de vinho fresco, bom, espumoso e levou-a aos lábios e logo o líquido perfumado lhe correu pelas goelas

numa delícia. Encheu outra vez a malga bebendo de novo, e finalmente apaziguou a sede que a torturava. Encheu-a de novo e, com cuidado, touxe-a para cima.

Sentou-se na ponta do banco da lareira e ali se deixou ficar a trincar as côdeas ainda quentes, estaladiças, a mastigar lentamente e a bebericar. Apaziguada, saboreava, agora de vagar, o pão que, a pouco e pouco lhe enchia o estômago.

«Com'assim — pensou — se tivesse de morrer, tanto morria por pouco como por muito...» Mas ela, no fundo, não temia que algo de mau lhe viesse a acontecer. Sentia-se otimista. Comeu até ficar saciada.

Depois, levantou-se lentamente, limpou a malga, arrumou-a no louceiro e apagou os vestígios da sua estadia ali. Se ela morresse, ao menos ninguém havia de saber porquê. O vinho, agora, causava-lhe uma espécie de sonolência. Apetecia-lhe dormir. Dormir e mais nada. Lentamente voltou para o quarto e enfiou-se na cama. A vida não era assim tão má... E se morresse...

Mas não morreu. A mãe quando regressou do campo foi espreitar e viu-a a dormir profundamente. Mais tarde, voltou, na ideia de lhe levar uma tijela de caldo. Chamou por ela, abanou-a mesmo, mas ela resmungou qualquer coisa, ensonada e continuou a dormir profundamente, como se nada lhe tivesse acontecido.

Dormiu a noite toda. Até de manhã.

A HISTÓRIA DO SINO GRANDE

Foi por acaso que a história do sino grande da pequena torre da Igreja Matriz me chegou aos ouvidos.

É o maior sino das redondezas e, em muitas léguas em redor não há outro que se lhe compare, em tamanho e no som: Um som profundo que tudo domina.

Quando o ar está húmido, o som cresce ainda mais: poderoso, severo e os pesados toques, ao prolongarem-se, parecem sacudir a vida um pouco parada, da aldeia. Por vezes, parece bramir, do alto da torre duas vezes centenária. E a atmosfera fica cheia do eco das suas badaladas: grandes e lentos dobres, soando nota a nota, gota a gota, como vindos das núvens baixas que pairam, ameaçadoras.

Sempre me impressionou este badalar, este dobrar majestoso e severo, tão diferente do dos seus três irmãos, sempre humildes, alegres, satisfeitos.

«Porque teriam colocado ali aquele sino, mais digno de catedral, que daquela humilde e simples igreja da aldeia?» — interroguei-me vezes sem conta.

Mas eis que, finalmente, a resposta veio pela voz de Comadre Carolina que manifestou a sua surpresa ante a minha ignorância:

«Então, deveras que não sabe? O sino grande é munto mais novo que a Igreja e que todos os outros sinos... Olhe, quem o deu foi um dos antigos de Fonte Nova! Avô ou tetravô do Ti Antone.

E tudo por causa duma moça. Que dantes havia munto mais desgosto que agora, quando uma coisa destas acontecia. Munto mais desgosto e munto mais vergonha!

Que isto já foi há munto ano! Quem o contava era a madrinha da Eira, que já o tinha ouvido à gente velha. Diz-se que foi tudo por causa dessa moça que se namorou... E que é o dote dela que ali está... E como o dinheiro sobrava, puseram-lhe por dentro uma camada de libras em ouro...»

*

Hoje, tarde quente, à hora da sesta, enquanto o tempo está «escaldaçoso», Comadre Carolina conta-me naquele seu jeito simples, toda a história de Margarida da Fonte Nova. Uma história, que, aliás, se enquadra, ainda, no ambiente desta aldeia, apesar da industrialização e conseqüente alteração de hábitos.

Margarida da Fonte Nova, era ainda muito jovem.

Começava já, no entanto, a ser a mais atraente, a mais graciosa das redondezas. O seu corpo era esbelto e o rosto macio e redondo como um pêssigo maduro. E os olhos alegres, nas faces coradas, pareciam gritar constantemente, a sua alegria de viver.

Margarida da Fonte, era bela.

E também a mais viva e diligente de muitas léguas em redor. O trabalho, para ela, era sempre motivo de contentamento, quer se tratasse de mondar ou sachar, quer se tratasse de lavar barrelas de roupa de estopa ou linho grosso.

Quando ao amanhecer, atravessava o terreiro, de saia rodada, era como se os pés metidos em grossos tamancos, marcassem continuamente o ritmo de uma dança viva. E ao cegar erva para os bois que mugiam nas cortes, parecia igualmente dançar ao compasso da sua cantiga alegre, movimentando os braços graciosamente.

Desde a adolescência que muitos rapazes a requestavam, mas o pai não estava disposto a deixá-la casar tão nova, nem ela se mostrava apressada.

Margarida era feliz.

Ria-se dos rapazes que lhe rondavam a porta, envergando os fatos domingueiros, cabelos duros acamados à força da água, rostos queimados pelo sol, a ostentarem no olhar as marcas de uma semana de trabalho árduo nos campos e a certeza de uma semana idêntica à frente deles. Ria-se, negando-lhes a presença sabendo-os irritados, enraivecidos, brigões, ante a tarde que se escoava e a impossibilidade de lhe falar.

Margarida da Fonte Nova, era bela, simples e feliz.

*

A casa de Fonte Nova era uma dessas casas de lavoura equilibradas com séculos de ajustamentos. Casa de muita lida, sobretudo desde que o filho mais velho abalara para o Brasil, logo seguido pelo do meio que não gostava de trabalhos agrícolas.

Apesar de Margarida ser forte e diligente, trabalhos havia que só os braços possantes de um homem os poderiam efectuar. E o lavrador seu pai, embora ainda possante, já não aguentava com tanta canseira. Necessário foi, portanto, contratar um moço que tomasse a seu cargo os serviços de lavoura mais pesados.

E foi deste modo que Avelino Cartola, rapaz entroncado e diligente, deu entrada na Casa da Fonte Nova, para embora como subalterno, dormir sob o mesmo tecto e sentar-se à mesma mesa, com os patrões.

Avelino Cartola, tinha fama de atiradiço. Amigo de mostrar os dentes às raparigas, não perdia a oportunidade de lhes apalpar as carnes rijas, sabendo que elas apenas fingiam resistir-lhe, atraídas pelo seu porte donairoso, onde sobressaía a cabeça perfeita e os

dentes surpreendentemente brancos, sem uma falha, a luzir no seu sorriso brejeiro.

O lavrador, por seu turno, embora conhecedor da fama do criado, não se preocupou por causa de Margarida, sabendo-a ponderada, segura de si. Apreciava mesmo, aquele jeito alegre do rapaz, amigo de folguedos, mas cumpridor das suas obrigações, porque a sua vivacidade era contagiante e tornava mais leves as tarefas penosas, de que ele participasse.

E se era bom no trabalho, na dança ninguém lhe levava a palma em noites de desfolhada ou em tardes de domingo numa eira qualquer, para folgar ao som de violas e cavaquinhos. Amigo de cantar e sobretudo de bailar, os seus pés leves, cor de bronze desmaiado, moviam-se incessantemente, num ritmo alegre e vivo que deslumbrava.

E os mais velhos não despegavam dele os olhares, sentindo o sangue como que rejuvenescido, a correr mais depressa nas veias já cansadas sobretudo se ele tinha como par Margarida, sua ama: Ambos alçando os braços com graciosidade e leveza, ambos girando na roda ou cantando ao desafio sem contudo, se molestarem. Era como se tivessem nascido para bailar juntos formando assim, o par mais lindo que já ali se tinha visto.

Só mais tarde houve quem se lembrasse de que ele, umas vezes, lhe dizia segredos que a faziam corar, outras que botava cantigas só para ela. Cantigas naquela voz quente que a engolfava em esquisitos enternecimentos. Voz de langores e súplicas veladas.

Margarida da Fonte Nova, era agora uma jovem mulher.

Uma mulher magnificamente desempenada, os ombros e os quadris bem talhados e a rematar esse corpo perfeito, uma face luminosa e sàdia. E quando por vezes, se entregava ao abraço de Avelino, na roda da desfolhada, os olhos embelezavam-se-lhe de um inesperado fulgor e rápidas inquietações.

Por isso, não admira que se lhe tivesse lançado nos braços entre duas cantigas e que olhasse os outros, os que já sabiam, como se os desafiasse. Era como se dissesse «que a julgasse o Mundo, pouco lhe importava, porque no corpo que era seu, mandava ela. Ela e aquele rapagão alegre e desempenado. Pobre, era certo, mas que muitas da sua condição cobiçavam cheias de despeito, impotentes para vencer barreiras que ela vencera já.»

Lentamente, porém, um sentimento de inquietude, de insegurança veio instalar-se nela. A pouco e pouco deixou de rir e se acaso ainda cantava, não havia agora no seu cantar, sombra da frescura e da alegria de outrora.

*

Foi com incontida indignação que o Pai acolheu a novidade de que eles se namoravam: «Um borguista daqueles, um pobre-tanas que nada possuía de seu e tudo estoirava por festas e romarias e que ainda por cima, arrastava a asa a todas as raparigas! E a algumas devia já casamento... Não. Não podia escolher peor a sua Margarida.»

Imediatamente o despediu, escorraçando-o de casa, ignorando o principal. Ignorando as bisbilhotices nascidas da inveja e do despeito, murmuradas de casa em casa, por cima dos instrumentos de trabalho, por atalhos e carreiros, ignorando por completo a notícia a circular de boca em boca de que Margarida era, ao que diziam, «uma moça namorada».

E quando finalmente o soube, ficou, nos primeiros momentos, hirto de espanto e de dor, logo se reanimando sob uma crise nervosa, enquanto as mãos lhe tremiam como asas feridas. Não ouvia ninguém. Olhava à sua volta como um animal desvairado e feroz, estendendo as mãos como se quisesse agarrar qualquer coisa.

Depois precipitou-se para casa. Em frente da porta tropeçou e caiu de borco, mas embora do seu peito saíssem gemidos, os seus olhos continuavam secos.

Nunca mais ninguém o viu pelos campos. A rapariga refugiara-se em casa da madrinha e para lá estava sem que ele a procurasse ou mandasse recado.

Quando o compadre lhe foi pedir que perdoasse à rapariga, olhou-o de forma selvagem e estranha, os olhos avermelhados, fora das órbitas e cheios de raiva.

Dir-se-ia fazer um esforço enorme para não rebentar ali mesmo. «Nunca! — gritou. — Ficai com ela que tendes criada de graça! Por mim já sei o que hei-de fazer. Quero andar o resto dos meus dias (e bem poucos foram) de cabeça erguida!» E nada mais adiantou.

Só passados meses é que os habitantes da freguesia souberam o resto da história.

O carro de bois, puxado por várias juntas de gado, chegara numa manhã, carregando o sino grande e com ele pessoal de Braga, para que o sino bem afinado, fosse içado para o alto da torre, ante o pasmo da gente apinhada no adro.

E quando, finalmente, o sino grande começou a agitar-se, no alto da torre, em pesados toques que se prolongavam por toda a aldeia, o lavrador da Fonte Nova mandou o primeiro e único recado a sua filha:— «Que empregara naquele sino tudo quanto amea-lhara, ao longo dos anos, para lhe dar um bom dote, para que ouvindo o sino ela se lembrasse todos os dias da sua vergonha e do grande desgosto que dera ao pai!»

Durante largo tempo falou-se muito no caso, principalmente quando o lavrador morreu. Depois o caso deixou de interessar.

Margarida da Fonte Nova há muitos anos que morreu. Não

há em toda a freguesia quem se lembre de a ter visto. No entanto a imagem dela perdurou ao longo das gerações.

Diz-se que como uma sombra, ela errava pelos caminhos a ouvir a todo o momento, a voz do sino, severa, acusadora, terrível.

A voz do sino que a vergastava e amachucava como uma vaga poderosa.

DESENRAIZADA

Tinha sido há tantos anos que lhe perdera a conta, mas as imagens estavam tão nítidas na sua memória, que as podia reconstituir até ao mais pequeno pormenor.

Doze anos metidos num vestido de chita, os pés encardidos, numas alpergatas e um carrapito na nuca, assim tinha chegado Maria Adelina à casa onde principiaria a trabalhar como serviçal.

Encolhera-se medrosa a um canto da cozinha enquanto a senhora a inspeccionava de alto a baixo, tal como faziam lá na terra, os compradores de gado. Não conseguia reter o sentido da conversa entre a senhora e a madrinha, mas aos seus ouvidos chegavam palavras depreciando os seus braços finos, o rosto pálido e assustado e, inconscientemente, desejava que surgisse um buraco por onde se pudesse escapar.

Quando a madrinha se foi, como ela desatasse de repente, a chorar a senhora pareceu apiedar-se e afagou-lhe ligeiramente os cabelos, mas isso em vez de a sossegar, fez-lhe redobrar o pranto. Então ela impacientou-se e quase gritou: «Basta de choradeiras!» Atemorizada, calou-se enxugando o pranto à manga do vestido e, daí a pouco, com os olhos embaciados de lágrimas, ouviu a senhora dizer: «Ela pouco presta, mas fica para ajudar, até ver...»

A partir daí, Maria Adelina nunca mais teve um momento de descanso a girar pela casa, o corpo magro, agora bem lavado, metido numa bata azul, os cabelos penteados de outro jeito.

Tentava compreender o que lhe ensinavam mas mantinha-se, a maior parte das vezes, retraída, trémula de medo, ao pensar não conseguir realizar as tarefas que lhe marcavam.

O tempo ia-se arrastando, lentamente.

Procurava embrenhar-se no trabalho, mas o seu pensamento fugia-lhe constantemente para longe, para a aldeia onde as companheiras corriam descalças pelos caminhos orlados de silvados com amoras negras a brilhar. Num esforço de vontade, procurava suportar o desenraizamento da terra natal, mas o exílio era demasiado doloroso para a pequena alma camponesa. Tinha saudades do cachorro, das ovelhas, das galinhas, de conversar com eles, de correr, flexível como um animalzinho, pelos campos e pelos caminhos pedregosos.

Procurava ouvir as recomendações com ar de menina bem comportada, mas sem querer distraía-se. A sua alma, por vezes, movia-se em longínquas regiões e ela ficava parada, esquecendo a cidade trepidante que a cercava. Um simples sinal, imperceptível para os demais, da vida espontânea da Natureza: — a erva que brotava entre as pedras da rua, um raio de sol, um pássaro que poisava na varanda — bastava para fazer surgir inteira, a seus olhos, a terra natal.

A sua alma desejava a casa onde nascera, a casa cheirando a fumo, a caldo de couves e cujo cheiro de pobreza a confortava mais do que aquela bela habitação cheia de móveis reluzentes e onde o aroma da vitela assada enchia toda a cozinha.

Na sua casa era ela quem dirigia as brincadeiras, quem vestia e lavava, a seu gosto, os irmãos mais novos, quem os corrigia na pronúncia defeituosa das palavras que lhes ensinava. Eles obedeciam-lhe, consideravam-na um ser importante: «Dina, dá-me pão? Dina, deixas-me ir para o caminho? Dina, contas-me uma história?»

Ali tinha de suportar os caprichos dos meninos e se tomava parte nas brincadeiras era apenas como um suporte das suas tropelias que, por vezes, lhe deixavam nódoas negras pelo corpo.

Impiedosos, troçavam das expressões provincianas que ela utilizava, do seu sotaque áspero do norte, obrigavam-na a repetir as palavras, rindo-se descaradamente, dela e da gente da sua aldeia. Davam-lhe pontapés sorrateiramente, passavam-lhe rasteiras, punham-lhe alcunhas, como se não bastasse tratarem-na por nome diferente. Lá na aldeia, sempre fora Dina... Delina... Ali era apenas Maria. Uma Maria sem importância a receber ordens, a ouvir repreensões, a sofrer as maldades dos meninos.

Quando a senhora ralhava com a outra criada, esta descarregava, por sua vez, na rapariga, tratando-a com tão mau modo que ela acabava por perder as faculdades de que dispunha.

E se a senhora nos seus momentos de mau humor, reparava na pequena serviçal, exasperava-se perante o seu ar assarapantado e, colérica, assinalava-lhe um não mais acabar de erros e, incompetências. Zangava-se a ponto de a sacudir enquanto a rapariga se esvaía em lágrimas pelo pesar que lhe causavam tantas humilhações.

Tarefas havia que lhe eram extremamente penosas, difíceis de aprender, como por exemplo, brunir. Nunca na sua aldeia havia passado roupa a ferro e ao esforçar-se por aprender, ficava hirta, os ombros duros como pedaços de pau, segurando o ferro desajeitadamente. Já na cozinha, era diferente.

Gostava de cozinhar, desde muito criança que se familiarizara com potes e panelas de barro e cedo aprendeu a cozinha rudimentar da sua casa. Ali era tudo muito mais complicado, os odores culinários diferentes, o modo de preparar os alimentos, também. Mas tudo aprendia facilmente, a ponto de frequentemente, ficar na cozinha a ajudar a cozinheira, sobretudo se havia visitas.

E embora gostasse dessas ocasiões, deitava-se demasiado tarde,

à hora em que a sua aldeia dormia há muito, sem que isso impedisse de se levantar às sete horas, ao toque impiedoso do despertador. Como consequência, andava parte do dia, com as pálpebras pesadas, o ar ausente, compreendendo mal as ordens que lhe davam, o que exasperava os da casa.

Tímida e fraca por natureza, deixara-se tyranizar pela criada mais velha, pela senhora autoritária, pelos meninos habituados a tyranizar. Desejava escrever aos pais «Venham-me buscar!» mas não se atrevia porque sabia que logo a madrinha os convenceria de que ela estava bem onde estava, muito melhor que numa casa cheia de crianças, e de pouco pão, como era a dos pais. Ali na cidade, comia bem, ia-se fazendo mulher... E sempre lhes mandava alguma coisa todos os meses...»

Assim decorreram largos anos, para Maria Adelina.

Conheceu outras casas, aprendeu a manejar com perfeição, tachos e caçarolas, a esmerar-se nos temperos. Fez-se mulher e acabou por conhecer aquele que haveria de ser seu marido. De Barcelos como ela, mas há largos anos na cidade grande, de que parecia gostar, mas disso, Dina só apercebeu mais tarde, porque para ela lhe parecia suficiente, ser ele de Barcelos, embora tendo nascido numa aldeia muito longe da sua.

Novos projectos da vida nasceram e quando casou, era já cozinheira num restaurante da Baixa, sonhando vir a sê-lo em Barcelos, na cidade, quando um dia voltassem para a terra. Mas só então compreendeu que dificilmente realizaria esse sonho. Problemas de família, traumas de infância, desencontros, haviam criado no marido aversão pela terra onde nascera e começara a crescer. Conformou-se.

*

Na Igreja Matriz bateram compassadamente, as seis horas da manhã. Maria Adelina dormia ainda, profundamente. E enquanto o tempo se escoava ela sonhava, agitando-se e rindo por vezes.

Naquele momento, era ainda criança e estava junto dos irmãos correndo pelos campo. A ampla extensão de relva pontilhada de malmequeres, formava aqui e ali pequenas manchas brancas quais constelações e, no alto, para lá da copa redonda das macieiras, andorinhas cruzavam os ares.

O seu rosto tinha uma expressão decidida e alegre.

— Delina!

— Senhora!

— Olha por teus irmãos, enquanto vou apanhar a erva prós coelhos. Olha o menino! Pega nele!

Maria Adelina estendeu os braços para o pequenino que gatinhava na terra, ali junto dela e dos irmãos mais pequenos. Rapa-rigas da sua idade, estavam ali também, como ela carregando os irmãos mais novos, sem tempo já, para folguedos, e fazendo de Maria Adelina o centro das atenções: «Dou-te cerejas, se me contares uma história!» «Aprendi uma cantiga nova. Queres que ta ensine?» «Sei de um ninho de calcaré...»

Companheiras, irmãos, a casa, o terreiro sob a ramada — todo o seu mundo de infância — desfilavam no sonho. Amorosamente, apertava nos braços o irmãozito que lhe batia no rosto com as mãos gorduchas e ria, falando.

«Terrim... terrim... terrim...» — O seu velho despertador.

Sobressaltada e confusa, sentou-se na cama e num instante compreendeu que tudo fôra um sonho, um sonho bonito que a transportara a um tempo donde não desejaria ter saído, a um local aonde dificilmente regressaria, porque já não havia lá pedaço de chão seu, para a receber.

O seu rosto ensombrou-se mais e de súbito começou a chorar. Um choro silencioso, sem soluços nem ais, para não acordar o

marido, que após o toque estridente do despertador, adormecera de novo, ligeiramente.

E enquanto se vestia, limpava os olhos às costas da mão, não fosse o seu homem ver-lhe as lágrimas e mais uma vez ralhar com essa chorona da Dina, como ralhava a senhora, na primeira casa que serviu, «com essa estúpida da Maria que não fazia outra coisa, se não chorar pelos cantos».

NOVOS HORIZONTES

Andam as gentes de Santa Marinha inquietas, maravilhadas, dominadas pelo acontecimento. Andam as gentes de Santa Marinha, excitadas. Cada vez mais excitadas por todos os pequenos acontecimentos que ao grande acontecimento se vêm sucedendo.

E, juntamente com essa excitação, um nome foi arrancado às profundezas do tempo e anda, agora, de boca em boca: o nome de Francisquinha da Moita, menina que ninguém dali conheceu mas de quem muitos, outrora, ouviram falar, porque Francisquinha nasceu e morreu na sua Casa da Moita quando era uma jovem a despontar para a vida.

Por isso, ao falarem de Francisquinha procuram com olhos curiosos e atónitos, a velha e solarenga casa, que fica no centro da freguesia, um pouco acima da Igreja Paroquial. É uma casa senhorial, rectangular, cuja pedra de armas está incrustada bem no centro do edifício entre duas sacadas que dão para o caminho largo que vai ter à estrada camarária. É uma casa dos fins do séculos XVIII, praticamente abandonada, nas última décadas.

Foi dentro destas paredes que D. Maria Francisca Isabel de Sotto-Mayor e Menezes nasceu, para morrer no ano de 1908, apenas com dezasseis anos de idade: Uma vida curta mas tão intensa nos seus últimos dois anos de vida que dela se falou durante décadas.

Agora, fala-se dela novamente e com a mesma intensidade, em Santa Marinha e redondezas: Foi no funeral do Abel das Fari-

nhas, ao revolverem a terra do cemitério, que o seu corpo incorrupto, dentro de caixão de chumbo, apareceu aos olhos assombrados de meia dúzia de pessoas que haviam acompanhado o pobre bêbado ao cemitério.

E logo a fama de santa se propalou por toda a aldeia e por muitas léguas em redor. Acorreu gente de todas as redondezas para a ver nos dias em que na sacristia da igreja ela esteve exposta ao público, já em urna de mogno forrada a cetim e bordada a pérolas e conservando para admiração de todos, os mesmos vestidos daquela época.

Vieram gentes e mais gentes e vieram do Porto, os parentes, actuais donos da quinta e da casa senhorial que imediatamente tomaram diversas providências.

Falou-se mais e mais de Francisquinha da Moita. Evocaram-se muitos aspectos da sua vida, a mocidade que nunca teve, as suas dores e tormentos. Recordaram os velhos, conversas então escutadas, relatos de acontecimentos vários, factos da vida dela, sobretudo a partir de 1904 quando era apenas uma mocinha de 12 anos um pouco frágil, a despontar timidamente para a vida e já herdeira da Quinta da Moita e de outros bens. E recordaram que cedo a sua fortuna começou a ser cobiçada por todo os homens solteiros, da sua condição e por todos os pais de rapazotes cujas idades se aproximavam da dela.

Orfã de pai, sua mãe débil de corpo e de espírito, continuamente obsecada pela salvação da sua alma, era incapaz de orientar os negócios da casa e, muito menos, o futuro da filha.

A gerência dos bens foi, consequentemente e mediante conselho de família entregue a um parente afastado que, por seu turno, era primo direito de D. Manuelzinho de Infias, Morgado do Rio, Senhor da casa desse mesmo nome. Não admira, portanto, que mau grado a sua má reputação, o pretendente escolhido fosse D. Manuelzinho do Rio.

E assim foi o casamento aprazado e mal a menina completou os catorze anos, casava com toda a pompa na capela da Quinta da Moita, cujos portões, abertos de par em par, permitiram que o povo, em massa, viesse maravilhar-se com o faustoso acontecimento, esse mesmo povo que em voz baixa, falava de janelo para janelo, por cima de enxadas e lavadouros, por caminhos e conghostas, da desgraça que se tinha como certa, para Francisquinha da Moita.

Mas, quem se atreveria a levantar um dedo para impedir tal casamento? Quem se atreveria a contrariar a vontade da Casa da Moita, à sombra da qual viviam há séculos? E não era D. Manuelzinho poderoso também, poderoso e vingativo?

Por isso, no dia do casamento havia lágrimas nos olhos das mulheres (principalmente das que tinham filhas da idade dela) e, nos rostos de muitos homens, uma expressão que eles não conseguiam disfarçar, uma expressão carregada e hostil.

E havia sorrisos trocistas nos lábios das mocinhas ante o espectáculo duma menina como elas, aos pés do altar a receber por marido um homem como D. Manuelzinho de rosto marcado pelo abuso do alcool, por cinquenta anos de idade e, sobretudo, pelos hábitos desregrados que, dizia-se, possuía.

Do que se passou nos primeiros tempos, não se sabe ao certo. Uns diziam que, na própria noite do casamento, ele, perdido de bêbado, foi dormir com a cozinheira de quem era amante.

Diziam, ainda, que nessa mesma noite ele lhe batera, talvez irritado pelos seus pudores de donzela mal entrada na adolescência.

Diziam, também, que, durante os dois anos que o casamento durou, os maus tratos não tiveram conta: — Que era ela, apesar dos muitos criados, quem limpava o canil e tratava dos cães (amante da caça ele tinha uma matilha, famosa em muitas léguas em redor), que a obrigava a dormir com as cadelas prestes a parirem ninhadas

de raça, que ao mais pequeno motivo, lhe batia, quando não a fechava a pão e água, dias seguidos.

Fosse que não fosse, ao certo sabia-se que um dia, na ausência dele, a foram encontrar na Moita, quase inconsciente, caída no carreiro que dava para o tanque de águas limosas onde, duma bica de pedra caía e ainda hoje cai, um fio de água a entornar melancolias.

Por atalhos, às escondidas, viera mais uma vez, a menina caminhando quilómetros e quilómetros, buscar consolo entre as pedras que a viram nascer e crescer, e aceitar um pouco de carinho das mãos dos criados que a lastimavam cada vez mais.

De novo viera, mas desta vez para não mais regressar à casa de seu marido. Daí a dias ia a enterrar (em campa rasa por sua expressa vontade) no cemitério da sua terra natal. E durante muito tempo, falou-se dela, das suas virtudes, dos seus sofrimentos.

Os anos rolaram. Gente morreu, outra nasceu e cresceu. A vida continuou. A velha casa que foi sua, permaneceu (e permanece ainda) nas mãos dos Sotto Mayor, cada vez mais arruinada, mais triste, mais desabitada, mais esquecida.

Mas, agora que inesperadamente, se começou a falar em Francisquinha de Moita, há ainda quem se lembre de ter ouvido narrar factos assistidos, factos da sua vida, principalmente o seu casamento e a sua morte. Há ainda muito quem se lembre de ter ouvido falar, vezes sem conta, dos seus sofrimentos, da sua desgraça.

E assim, recordam-se as suas virtudes e inventam-se outras. E recordando factos da sua vida, novas histórias nascem. E a fama de santa cresce de dia para dia, e crescem os votos e as esmolas e as notícias de milagres obtidos por sua intercessão.

Nomeou-se já uma comissão zeladora, presidida pelos actuais senhores da Quinta de Moita, a viverem, agora, ao que parece, mais frequentemente, ali, na quinta.

Construiu-se um imponente jazigo-capela, ao centro do qual

a urna está depositada sobre rico catafalco, sempre rodeada de velas votivas e de flores.

Ao fundo, num pequeno altar de madeira lavrada, um Cristo de marfim agoniza entre dois castiçais antigos, preciosidades, talvez as últimas, da Casa de Moita.

Santa Maria Francisca já lhe chamam. Meninas baptizadas com este nome são já às dezenas. Mulheres rezam-lhe pedindo protecção para as suas filhas mal saídas da infância. Mocinhas pedem-lhe que as ilumine nos caminhos inevitáveis do casamento.

Todo o povo de Santa Marinha se sente orgulhoso da sua santa, amparado e seguro da sua protecção, presentindo, alvoroçado, que novos dias esperam esta freguesia, agora que gentes de muitas léguas em redor acorrem ali, utilizando os mais diversos meios de transporte, no cumprimento de promessas, ou no implorar de protecções e benções.

O padre da freguesia e todos os padres das redondezas, mantêm-se silenciosos e atentos ao desenrolar dos acontecimentos.

Os parentes de Francisquinha, os actuais donos da Casa da Moita que ostentam além dos nomes de Sotto Mayor e Meneses, outros nomes mais, esses seguem mais atentos ainda, o desenrolar dos acontecimentos: Observam o movimento de fieis e curiosos. Observam, controlam, dão ordens e pareceres, imediatamente aceites pelos restantes membros da comissão.

De resto, quem é que alguma vez, naquela freguesia, se atreveu a contrariar desígnios dos Senhores das casas grandes como a da Moita (sem falar na Casa do Paço, claro está)?

Mas também ninguém os quer contrariar. «Ninguém está a obrigar o povo seja ao que for.» — Faz questão de frisar, a Comissão Zeladora. Se o povo canonizou já, a pobre Francisquinha da Moita, se propala os seus milagres se dá esmolas avultadas é porque assim o quer. Ninguém o forçou a acreditar, nem a dar seja o que for...»

E de facto o povo acreditou espontaneamente sem reservas, sem quaisquer dúvidas. Acreditou que Francisquinha é mais uma das bem-aventuradas do reino dos Céus. Por isso tem fé em Francisquinha da Moita, agora Santa Maria Francisca. Cada vez mais fé.

«E a fé é poderosa — como diz o Padre nas homilias dominicais — A fé remove montanhas».

AS BELAS RECORDAÇÕES

«Bom, para lhe ser franca, embora sem razão, não tenho grande entusiasmo por estas festas... Por este Natal de agora...»

Estávamos sentadas num recanto do café, olhando através da porta envidraçada, a praça do belo chafariz, por onde uma multidão heterogénea se movimentava: ávidos de compras uns, outros deitando contas à vida pelas vendas já efectuadas na feira borbulhante de gente, essa feira ainda denominada «Feira das Consoadas».

«Sim. Claro que tive bons Natais! — continuou como se falasse de si para si. — Recordo-me até com bastante nitidez de Natais alegres, fartos, felizes com a Mãe e a Rosa (Rosa era a nossa velha criada) a afadigarem-se na cozinha, desde a manhã.

As travessas grandes iam saindo do armário, uma a uma, para se encherem de doçaria e nós, exuberantemente, disputávamos o privilégio de rapar os tachos. Até ao meio da tarde, era aquela azáfama...

Depois, as travessas eram alinhadas nos móveis da sala e a mãe ia buscar a toalha bordada e começava a enfeitar a mesa, dispondo pequenos raminhos de azevinho. Nós achávamos que a sala ficava maravilhosa e andávamos dentro e fora num alvoroço a chamar uns pelos outros e a tentar ajudar a Mãe, mas ela acabava sempre por achar um pretexto para nos tirar de lá e fechar a sala

à chave, detendo assim o nosso frenesi. Só a nossa imaginação é que ela não conseguia deter.

E eu, embora soubesse já, que não era o Pai Natal que descia pela chaminé, continuava a pôr lá o meu sapato com a mesma alegria e entusiasmo dos mais novos. O meu irmão mais velho, esse, é que não participava já do nosso alvoroço, dizendo que «isso» era coisa para miudos, nem tão pouco se interessava pela presença dos Avós que, mal chegados, não mais largávamos, ansiosos por saber o que nos trariam na inseparável maleta de couro castanho.

Depressa anoitecia e o cheiro bom a resina, das pinhas a assar na lareira, enchia toda a casa, e nós sujávamos as mãos e a cozinha ao abrir as pinhas para libertar os pinhões, até que a hora da ceia chegava e grandes travessas de «bacalhau com todos» vinham para a mesa. E eu que não gostava de bacalhau, comia nessa noite um bom pedaço, achando-lhe um sabor especial. Comíamos de toda a doçaria e voltávamos a comer. Parecia que nadá abrandaria a fome devoradora dessa noite.

No fim ajudávamos a Mãe a arrumar (a Rosa ia consoar com a família). Sentávamo-nos, depois, junto do lume e o pai cantava e brincava connosco. O Avô gostava de jogar ao «par e pernã» mas depressa perdia todos os pinhões com que no início do jogo se munira e nós ficávamos radiantes por lhe ter ganho.

Cedo os mais pequenos começavam a cabecear e breve adormeciam, mas nós que já andávamos na escola, resistíamos valentemente ao sono que de vez em quando nos picava as pálpebras. Às vezes, a Avó adormecia ligeiramente e cabeceava também, para acordar sobressaltada com o barulho das nossas risadas. Então a Mãe reprendia-nos discretamente com medo de que ela se zangasse mas tal não sucedia. O tempo passava depressa, a hora de deitar chegava e lá íamos para a cama depois de comermos mais uma rabanada ou um naco de aletria... Era então, a vez de a Avó ralhar, dizendo que nos ia fazer mal, mas isso nunca aconteceu.

Acordávamos, ainda havia noite, com o barulho dos foguetes e dos sinos chamando para a primeira missa. E nós, esquecidos do frio e do medo, corríamos à cozinha certos de que diante dos nossos olhos deslumbrados, surgiriam as prendas que mal cabiam nos nossos sapatos pequenos e maltratados.

Nesses dias havia por toda a aldeia uma atmosfera diferente. Caras que raramente ali apareciam, estavam presentes na igreja e toda a gente, com as roupas melhores, a assistir à missa, a esperar para beijar o Menino Jesus deitado na sua caminha de madeira envernizada, enquanto se entoavam os cânticos do Natal: — «Ben-di-to e lou-va-do se-ja o Me-ni-no Deus nas-ci-do...» cânticos que os foguetes estoirando, para assim assinalar o dia do Natal, quase abafavam.

Era um tempo de festa que prolongava até ao dia de Reis...»

— Não voltou mais à sua aldeia, a passar o Natal? — perguntei-lhe interessada na descrição desses natais rústicos.

— Oh! Sim. Voltei... Mas a aldeia embora um pouco ou nada tenha mudado nesse aspecto, o Natal foi tão diferente para mim, que desisti de lá voltar. Prefiro guardar o mais inalteravelmente possível, essas lembranças.

E, sabe — claro que se vai rir... — às vezes, depois de uma destas ceias de Natal de agora, gosto, quando me vou deitar, de ficar acordada muito tempo a imaginar que o meu Natal foi igual aos da minha infância, com o mesmo cheiro da lenha resinosa, as mesmas prendas na chaminé...

E quase me convenço de que na missa do dia seguinte em vez duma bela imagem do Menino Jesus eu irei beijar uma certa imagem um pouco tosca, deitada numa caminha «francesa» de madeira envernizada e que, em vez de cânticos melodiosos, bem ensaiados,

eu irei ouvir as vozes rústicas de outrora atacarem os hinos sacros com o mesmo entusiasmo com que cantavam nos campos «Ó Laurindinha, laranja, laranja...»

Claro que isto até dá vontade de rir, não acha?

QUANDO A NOITE VEM

Na sala escurecida, um Cristo de marfim com os braços abertos e expressão sofredora, agoniza na cruz de pau preto. A chama das velas, uma de cada lado do Cristo, treme e a cera escorre ao longo delas manchando os castiçais de prata (século XVIII segundo afirmou esta manhã Tio Júlio). O perfume adocicado de centenas de flores à mistura com o cheiro a cera derretida enche a sala onde as pessoas se acotovelam.

No tempo do Avô, aos domingos, conta Tia Maria, a sala grande também se enchia de parentes e amigos, que jamais se sentaram à mesa antes dele, que se calavam se o Avô falava. Agora a sala também está cheia. Cheia como nos dias grandes, dias de festa: — casamentos, baptizados, aniversários especiais, o dia em que o Bispo, de visita à paróquia, almoçou ali, com a cerimónia que lhe era devida.

Chegam cada vez mais pessoas. Há olhos que examinam os cortinados, as paredes desbotadas, os tapetes, os bibelots. Tio Júlio, sério e empertigado, recebe os cumprimentos na sala grande. A sua boca tem uma expressão grave, compenetrada, mas os olhos vigiam tudo, anotam gestos, palavras.

Respira-se com dificuldade aqui, na sala grande. A cabeça principia a doer-me. Procuo um lugar fora dali, onde possa refugiar-me e acabo por me encolher na saleta de entrada, entre a papeleira desconjuntada e o reposteiro. Aqui, perto da porta respira-se

melhor e do jardim sobe um cheiro bom a musgo, junquinhos e verdura.

Encolho-me mais no canto em que me refugiei e, por breves instantes, cerro os olhos fatigada. Mais pessoas chegam. Cumprimentos. Palavras convencionais. Um homem gordo e vermelhusco, fato lustroso, abraça o Tio Júlio sem nenhuma cordialidade e logo sai para a varanda. Acende um cigarro. Cumprimenta uma Senhora velha, tão velha como D. Ludovina que se apressa a entrar e logo desaparece na semi-obscuridade da sala grande.

Os minutos escoam-se lentos e pesados. Olho a fotografia que jaz em cima da papeleira. Mal consigo reconhecer a Avó, naquela menina delgada que apoia o braço negligentemente numa coluna. Como ela mudou! Também a casa está mudada. E tudo irá mudar ainda mais. Nunca mais será a casa dos velhos cheiros, dos ruídos familiares. Quem irá ocupá-la agora? Olho em meu redor. Imagino-a casa sem dono. As janelas fechadas todo o dia, Todos os dias. Quem trará agora, tilintando à cinta, o molho das chaves?

Aqui, no velho casarão, sempre se viveu longe do mundo. Os apitos dos comboios não perturbam a paz arcádica dos seus dias. O cheiro a óleo queimado, dos motores, jamais penetrou nestas janelas. Vida boa. Mas quem quererá agora, esta paz? — Tio Antoninho que vejo ali, numa cadeira, imóvel, duro como uma estátua, os olhos fixos em coisa nenhuma? Tio Júlio? Tio Ernesto, meu padrinho? Tia Maria?

Talvez eles amem ainda a velha casa, mas o mundo cresceu tanto para eles, que esta terra antiga de Vale-do-Rio se reduziu a uma insignificância.

Palavras soltas, comedidas, chegam até mim: — «Herdeiros. Partilhas. Direitos de transmissão. Inventário de maiores».

Sob o alpendre, em círculo, homens conversam. Falam de propriedades e heranças. «Isto acaba por ser vendido», conclui o homem gordo que há pouco abraçara Tio Júlio. Olha em redor,

com olhar avaliador. «Está tudo muito abandonado, mas mesmo assim, ainda tem o seu valor! Aos filhos não interessa. Têm casa própria... A não ser o Antoninho, mas esse...»

Debruçado sobre a mesinha colocada à entrada, um homem, vestido de escuro assina a folha de cumprimentos, enquanto outros esperam a sua vez. O homem calvo continua a falar na roda de conhecidos. Salta de um assunto para o outro interessando os homens ociosos.

Outros fragmentos de conversa vêm até mim. Fala-se de D. Ludovina. Fazem-se considerações sobre a sua vida, os seus sentimentos, atitudes que ela tomara em tempos passados.

— Oitenta anos. Não mais — afirma uma mulher de rosto sem idade.

— Qual quê! Eu era pequerruchinha quando ela casou! Mais linda!

Pausa. Suspiros. E logo em seguida:

— A Mariazinha, não virá? — Queda-se à espera de resposta, ansiosa.

Ainda não viu Tia Maria nem a mulher de Tio Ernesto. Por isso o olhar passeia, ávido, por entre as pessoas.

— O Antoninho é que está ali... — Aponta com o queixo, num trejeito de dó. — Coitada da D. Ludovina... — Faz uma pausa, suspira. — É o fim de todos nós...

A outra escuta as considerações da companheira, as mãos enlaçadas sobre o ventre rotundo. De vez em quando abana a cabeça em sinal de assentimento, e depois suspira fazendo tremer a papada do queixo.

Dizem-se mais coisas convencionais e até outras que nem convencionais são.

Tio Ernesto veio de lá de dentro. Tenho a certeza de que esteve a comer na cozinha. Cochicha qualquer coisa ao cunhado que faz um gesto de aborrecimento. Depois passa a mão pela testa com

expressão de quem sofre aborrecida dor de cabeça. Olha o relógio: «Faltam vinte minutos para as onze... Está quase na hora... — diz.»

Zé Perrisco entra pisando a medo. Trabalhador da quinta desde o tempo do Avô, jamais entrara aquela porta da sala. Os seus contactos com a casa foram sempre pelo lado do terreiro. Por isso lá vem ele, mal sabendo onde pôr os pés.

Zé Perrisco nada sabe de etiquetas e cerimónias. Apenas sabe que a vida e a morte são coisas naturais como o sol e a chuva. Zé Perrisco é bom e simples. Sabe podar a vinha com mãos de artista. Sabe mungir as vacas e sabe tratar dos vitelos como se tivesse estudado ciências veterinárias.

Zé Perrisco é simples e bom. Pára junto de mim e apenas me diz: «Ela já pagou, já... Nós ainda estamos a dever...»

Há cada vez mais gente. Os das Confrarias de que D. Ludovina era irmã, distribuem opas e bandeiras, e cada um ocupa o seu posto, com ar compenetrado e grave. Chegam mais pessoas. Pessoas comedidas e solenes. Apertos de mão. Abraços. Rostos sérios. Constrangidos, se entram na sala grande, por breves momentos. Sombras confusas na sala sombria.

O Senhor Faria, encarregado de dirigir a cerimónia, aproxima-se perguntando se já teria vindo o Dr. Rodrigues.

O Dr. Rodrigues virá. Prometeu. É ele que deverá levar a chave.

Tio Ernesto sacode a cabeça e o rosto flácido treme. Primo Eduardo consulta também o relógio. Faltam dez minutos. Daí a pouco D. Ludovina partirá e depois ninguém mais a verá pela casa. Ninguém mais acorrerá ao seu chamamento familiar.

Esforço-me por não pensar, na morte e, no entanto, sinto que não lhe posso fugir. Esforço-me por não ouvir, por me alhear daquelas pessoas que ali estão. Quero afastar-me antes que comece

a odiar aquilo tudo. Aquele aparato, as flores, os bordados a ouro sobre veludo escuro, as velas.

Mas, em vez disso. Levanto-me, entro na sala grande e logo os meus olhos vão poisar no Cristo de marfim. O mesmo Cristo que, há muitas gerações, escuta as preces das mulheres desta casa.

As pessoas ali, permanecem sentadas. Continuam a suspirar, a falar, sem darem atenção às próprias palavras: — «Excelente Senhora...» «Senhora de dom, como poucas... Era como uma relíquia...»

Dr. Rodrigues chega. Tio Ernesto e Tio Júlio precipitam-se para o receber. Chegam também duas coroas de flores. Ricas. Imponentes.

O Padre chega. Todos se afastam para os deixar passar. Atrás deles vem Manuel Viras manquejando, a sobrepeliz e estola bem dobradas no braço esquerdo.

Maria Cuca chora. Zé Perrisco, também. Ana morde o avental para conter os soluços. De todas as vezes que aquilo aconteceu a um dos seus, pôde chorar, gritar à sua vontade. Por isso lhe custa tanto dominar-se agora. Quer chorar como lhe apetece, arrepear-se, espojar-se mesmo, no chão, naquele momento de se despedir da patroa. Quer gritar, prantear-se conforme lho exige a sua natureza primitiva mas não lho consentem. Tia Zélia já a preveniu e Tia Zélia não é para brincadeiras. «Santinha!» oiço-a murmurar. «Mesmo uma santinha»!

A voz do Padre, agora, domina a sala. A sua voz monocórdica implora perdões para D. Ludovina. Traça uma cruz. Asperge. Tia Maria está pálida. Leva mais uma vez aos olhos o lenço humedecido. Tio Júlio rosto sério, impenetrável. Tio Antoninho está de pé, tão pálido como a mãe. Não fala. Ninguém lhe fala. Os ombros parecem mais curvados ainda. Refugia-se como eu, no outro canto da sala. Cerro os olhos por momentos. Oiço o ruído de vozes abafadas. Soluços. Murmúrios. Suspiros. O ruído de qualquer coisa

que se fecha. Quando os abro já D. Ludovina sai de casa, para sempre.

Tia Isabel dobra o lenço de rendas, distraidamente. Tio Júlio, que voltou atrás, chama a mulher de parte: — «Vou à Igreja, diz. Logo que esta gente saia, fecha bem as portas...» De repente dá com os olhos em mim e parece contrariado. Pergunta-me: —«Não vens?» Faço um esforço, mas nenhuma palavra me sai. Limito-me a acenar negativamente, com a cabeça. Ele hesita por segundos. Sai.

Deixo-me ficar no mesmo canto envolta no silêncio subitamente espesso e opressivo. Uma viga do tecto estala. As velas ardem ainda nos castiçais de prata. Tia Zélia cumpre as ordens do marido. Tia Maria vem dobrar cuidadosamente a colcha antiga, de seda, que cobria o piano e não parece satisfeita com o olhar cobiçoso que Tia Isabel deita à colcha. Tia Zélia diz que é melhor guardar os castiçais e o Cristo de mardim. (Eles têm uma lista dos objectos valiosos da casa. Fizeram-na ontem. Está tudo conferido).

De repente sinto que não posso suportar mais tudo isto e precipito-me para a varanda. A luz do sol bate-me em cheio nos olhos e faz-me cambalear por momentos.

Desço a escada. Atravesso o jardim. Quase corro. Não me importo com o que Tia Maria, Tia Zélia ou Prima Antonieta possam pensar. Alcanço o cortejo. Caminho lado a lado de Maria Cuca que desfia o terço.

«Santinha!» As palavras baralham-se-me no cérebro. Há rostos que me fitam. Rostos que não conheço, vistos assim através deste nevoeiro que me embacia os olhos. Faço um esforço e vejo agora que Avó Ludovina vai aos ombros de Manuel Caseiro, do Zé Perrisco e dos filhos. Aos ombros, como um andor.

Andor de Santa.

RESIGNAÇÃO

Para encurtar caminho, Margarida meteu pela vereda traçada entre eucalíptos e pinheiros que quase ocultavam o sol e breve desembocou num caminho estreito como todos os da aldeia.

Grilos cantavam alegremente atravessando o ar morno da tarde, acompanhando o coaxar baixo e compassado duma rã, no ribeiro orlado de juncos.

Era um local cheio de paz com o chilrear da pardalada, o respirar fresco e límpido do regato e o sol através das ramarias, tecendo no chão rendas delicadas. Subitamente cansada, poisou o cesto vazio a seu lado e sentou-se numa pedra deixando que o olhar errasse por ali em busca de imagens irremediavelmente perdidas. Era neste sítio que noutros tempos, se vinha encontrar com Joaquim do Cerrado antes de ele partir para o Brasil.

Tinha nessa altura dezoito anos, menos sete que ele, e desde mocinha que não o podia ver sem que todo o sangue se lhe alvorocasse. Fôra com o coração que o escolhera. Amara-o em segredo a princípio, depois exteriorizando todo o amor que os atraía e os mantinha tão perto um do outro, numa harmonia tão perfeita que a mãe se começou a preocupar. Mas foi precisamente nessa harmonia que encontraram toda a força para lutar contra a oposição dos pais dela, contra tudo o que ameaçava separá-los.

Embora as duas casas de lavoura se equiparassem, havia uma diferença social acentuada entre ambos. Ela tinha apenas um irmão

o que a tornava boa herdeira. Ele, o quinto filho duma grande família (eram oito irmãos, ao todo) pouco teria a herdar quando os pais morressem. Ambos sabiam que essa diferença era uma barreira intransponível e mais fácil seria os pais deserdarem-na que aceitarem aquele casamento desigual. Sempre ali assim fora, sempre haveria de ser.

Por isso ele, agora, estava longe. Partira porque a amava e sonhava vingar-se um dia, dos vexames que os pais dela, mais do que uma vez, lhe infligiram. Havia de regressar (jurara-lhe ao partir) de casar com ela, de entrar na Devesa com a cara levantada, não como quem é aceite por esmola.

Era isso que ele lhe repetia, nas cartas que sempre pontualmente, lhe escrevia, enchendo Margarida de saudades e de paz. O seu futuro estava traçado e o futuro de Joaquim do Cerrado seria o de Margarida da Devesa.

Mas tudo isso ia longe. As cartas, a princípio tão pontuais, começaram a rarear, a não traduzir já o mesmo entusiasmo, a mesma força. Muitas das que Margarida lhe escrevia ficavam sem resposta e as poucas que dele chegavam já não lhe davam a paz desejada. Pressentia com angústia, que o seu destino estava em causa e pensamentos dolorosos estrangulavam-lhe o coração, agora mais que antigamente, com Manuel da Naia a apertar o cerco à volta dela, cada vez com mais força, apoiado pelos pais a quem a perspectiva deste casamento agradava sem reservas.

Tudo começara dois anos antes, no tempo em que ela não duvidava poder unir o seu destino ao de Joaquim. Era um tempo em que ele lhe escrevia pontualmente e falava em regressar, fazer dela sua mulher, para sempre. Era um tempo em que a confiança no amor dele a tornava feliz e alegre.

Mas a tormenta veio. E tudo começara dois anos antes, nas ceifas do centeio.

Com a falta de jornaleiros a sentir-se cada vez mais, as segadas e as malhadas «de favor» sucediam-se. Os lavradores ajudavam-se mutuamente e essa ajuda era sempre festivamente celebrada com vinho do melhor, boas merendas, cantigas e, muitas vezes, no fim, danças de roda ao som de violas e concertinas.

Até os rapazes que trabalhavam nas fábricas ou numa arte qualquer, abandonavam as ferramentas e, nessas tardes, cedendo a um apelo telúrico, ancestral, eram apenas gente da terra, sujando-se na terra, trabalhando sobre a terra que deixavam coberta apenas de restolho, trabalhando e divertindo-se como sempre as gentes da terra ali fizeram, ao longo de gerações.

Fôra pois no tempo das ceifas do centeio.

Quando o lavrador da Naia necessitou de ajuda, Margarida como era de uso, foi ajudar. Tinha recebido nessa manhã, carta do Brasil e, por isso, se sentia alegre e leve, uma vontade de rir e cantar a tomá-la toda. Os seus olhos brilhavam excitados pelo prazer que aquela ceifa, onde o vinho e as cantigas não faltariam, lhe haveria de proporcionar. Tal como as outras, trazia a foicinha apoiada no ombro e como se o calor não a molestasse, logo atravessou, seguida por todos, o prado, em direcção às estreitas leiras onde a seara aguardava ondulando brandamente. À porfia começaram a segar, enquanto eles se ocupavam em sacudir e atar em molhos o centeio ceifado, para depois o empilhar em medeiros.

Manuel da Naia tomou lugar junto dos rapazes mas os seus olhos fugiam constantemente para Margarida que parecia bailar nos gestos alegres e ritmados com que movia a foicinha, e admirava-se de não ter reparado nela há mais tempo. Competindo uns com os outros em destreza e força, iam avançando sob o sol escaldante que lhes secava a garganta e lhes fazia desejar o vinho que os ia entontecendo e tornando cada vez mais alegres.

E quando o sol se escondeu para lá da crista dos pinheirais e os gestos morreram, o som das cantigas e risadas ficou a flutuar por sobre as leiras durante muito tempo como prolongamento daquela tarde em que Margarida impressionara profundamente, Manuel da Naia.

Não tardou a rondar-lhe a porta. E perante a indiferença dela, percebeu de imediato que ela continuava fiel a Joaquim e esperançada no seu regresso.

Esse facto porém, em vez de o fazer desistir enchia-o de brios e parecia-lhe até que isso a embelezava, aumentando-lhe o valor.

Apertou mais o cerco, ajudado pelos pais de ambos — os pais dela porque Manuel era um dos melhores partidos daquelas redondezas. O pai dele porque, viúvo e cansado, queria entregar nas mãos do filho, a administração das terras e sabia, por experiência própria que enquanto não casasse, ele não assentaria devidamente.

Margarida sentindo-se cercada, resistiu. Mas agora já não os enfrentava com a força dos primeiros tempos. Limitava-se a recuar, cada vez mais enfraquecida, porque nem sequer as cartas de Joaquim vinham, como dantes, dar-lhe forças e esperança, com as suas promessas, o seu entusiasmo, a sua fé num futuro melhor. Falta de notícias que já não a surpreendia pois que o desinteresse que das últimas cartas emanava deixava prever que isso aconteceria mais tarde ou mais cedo.

Dizia-se que ele ia casar lá no Brasil, com uma mulher rica, bastante mais velha do que ele. Dizia-se, também, que ele não tivera sorte, que continuava tão pobre como quando lá chegara. Ao certo, Margarida sabia apenas que ele não cumpriria as promessas feitas. Já não lhe valia a pena, portanto, continuar a lutar. Por isso, enfrentava agora, de braços caídos, a inevitabilidade de um casamento para onde todos a empurravam.

Até o pai a ameaçara de fazer «arranjo» no testamento, ao

irmão, deserdá-la o mais que pudesse se ela teimasse em querer casar com esse pobretana do Joaquim. Ameaçara reduzi-la à situação de jornaleira, à situação humilhante, ali na aldeia, de quem podia ser rica e se deixara empurrar até um estado deplorável de pobreza voluntária.

Sempre ali assim fora. Sempre assim haveria de ser.

Os dias arrastavam-se penosamente. Nada a interessava. Limitava-se a deixar que as coisas acontecessem naturalmente e agora era tarde de mais. O lavrador da Naia viria no Domingo aprazar o casamento, e tudo se consumaria em breve.

Sentia-se cansada. Terrivelmente cansada. Olhou o cesto vazio, a seu lado, apalpou o dinheiro da venda, na feira, e pensou que eram horas de estar em casa, mas não lhe apetecia sair dali.

O vento acordou de repente e arrancou um punhado de folhas amarelas que ficaram a esvoaçar até caírem a seus pés. Olhou o longe. Tal como dantes lá estavam os pinheiros erguendo-se para o céu em bastiões irregulares fortes e serenos. Tal como dantes também agora havia pequenos farrapos de núvens salpicando de branco o céu luminoso. Por cima da sua cabeça pássaros cantavam pelas ramarias brincando com o vento, mas nada disso a alegrava.

Uma estranha solidão cobria os campos, envolvia-a tolhendo-lhe os movimentos. Com esforço, levantou-se. Sobraçou o cesto e encaminhou-se para casa, essa casa grande, testemunha muda da fartura com que fôra criada, amimada e feliz, até que pensou em casar com Joaquim.

Depois disso só ralhos e ameaças lhe tinham enchido a vida. E tudo por uma questão de dinheiro — a casa seria dividida a meio, metade para cada irmão e, portanto, seria necessário que ela casasse com quem tivesse tanto como ela para restabelecer o equilíbrio. Com Joaquim esse equilíbrio seria impossível.

Encolheu os ombros com resignação e continuou a caminhar como um autómato. Já não tinha a força dos dezoito anos nem

sequer tinha já as cartas de Joaquim, cartas que lhe enchiam a alma e a incitavam a lutar com ardor. Agora nada a amparava.

Porque seria que ele deixou de escrever? Não acreditava que ele se fosse casar com uma mulher muito mais velha, só porque era rica, como o havia feito, muitos anos antes, um tio da mãe, o Brasileiro das Farinhas e outros, segundo histórias ouvidas desde pequena. Não acreditava. Não podia ser verdade. E se fosse?

Encolheu os ombros com resignação. Continuou a caminhar em direcção a casa. Pequenas flores amarelas esmaltavam as bordas do caminho e os salgueiros, ao longo do ribeiro, ostentavam os ramos finos de encontro ao céu azul mas tudo isso estava enevoadado pelas lágrimas que lhe velavam os olhos.

Do socalco onde se encontrava agora, divisava já os telhados das casas vizinhas da sua. Sobre uma colina distante, um eucalípto isolado perfilava-se no céu azul. Limpou os olhos com o lenço e respirou fundo tentando ensaiar uma expressão desanuviada.

Depois, encolheu os ombros com resignação e continuou a caminhar penosamente como se carregasse um peso superior às suas forças.

QUEIXUME

Há quanto tempo foi, há quanto?

Ai que alegria aquela! Passara o Verão, caíram as folhas, viera a neve, viera a chuva e, para mim, era sempre sol, sempre calor... As faces da cara até escaldavam quando te esperava escondida pela sebe da horta... E o coração no peito era como um tourinho bravo aos saltos, aos saltos...

Tu vinhas pelo caminho adiante a assobiar e mal me descobrias meio escondida por detrás da sebe logo rias o teu riso de dentes brancos, um riso como quem caçoa da gente e me deixava envergonhada por causa daquela espera no muro debaixo da japoneira vermelha.

E se eu ficava mais corada ainda, tu dizias que eu era mais bonita que as flores vermelhas da japoneira. Às vezes — lembras-te? — arrelivavas-me se vias que eu estava à tua espera e, de caçoada, dizias:

— Já te tardava...

— Ora, vim aqui por vir... Ainda não contava contigo...

Tu não acreditavas. E rias. Rias como quem caçoa da gente. E eu ficava encolhida e arreliada por tu não acreditares na minha mentira.

Agora espero-te em cada hora do dia e tu não apareces no caminho, já não paras à beira da japoneira vermelha. E eu já não trato dos cravos como dantes. Para quê?

Foi por ti que comecei a fazer por cravos e cegorelha e alfá-dega. Quantos painéis furados encontrava quantos enchia de terra... Neles plantava pólãs de cravos: vermelhos, rajados, brancos, cor de rosa, sei lá!

Quantas qualidades havia, quantas eu tinha. Para ti. E alfá-dega e cegorelha e até serpão... E trazia o raminho na mão quando vinha ao teu encontro e não to dava logo. Negava-to para que tu mo tirasses, me agarrasses a mão, para que me apertasses o braço até me doer. Para sentir a tua força. Para te sentir quase como meu dono.

E tu rias. Um riso de quem coça da gente: Mas era tão lindo o teu riso... Só o gosto que ele me dava... E assobiavas a imitar os melros e os pintassilgos... E eu ria... Ai que alegria aquela!

Hoje tudo me aborrece, até o cantar dos melros e o cheiro dos cravos e as flores vermelhas que, em breve, hão-de cobrir a japoneira. Lembras-te dos cravos que eu te dava? E da cegorelha? Punhas um raminho detrás da orelha e eu punha outro ao peito... Mas tu já não te lembras. Tu já não te lembras de nada... De nada...

Às vezes, meia tola, vou debruçar-me no muro da horta a ver se te vejo. Se tu viesses sem eu te esperar... — penso às vezes. — Mesmo magra como estou havia de vestir a melhor roupa para te receber e havia de ficar linda para que tu me chamasses outra vez a tua rolinha.

Lembras-te de que me chamavas a tua rolinha? E eu cheia de vergonha... Que havia de cuidar o povo se soubesse que tu me chamavas a tua rolinha mansa e levandisca e, às vezes, pardejinho bravo, só para me arrelhar... E rias como quem caça da gente. E eu toda cheia de medo duma encabadela...

Ai mas a quem contar estas coisas do coração? Tu caçoavas de mim e eu até gostava... Mas não aguentava que as outras raparigas caçassem de mim... Às vezes, com as minhas mãos enganchadas nas tuas, fazias-me rodar. Rodavas comigo como se

fôssemos cachopos de escola. E tu rias. E eu ria. E que alegria aquela! E hoje? Hoje só choro se calha de estar só no campo, mais as touras, e deixo que o vento me seque as lágrimas, mas leve com ele.

Os meus olhos estão a ficar negros ao redor e a cara tão magra... Dizem que as lágrimas escavam a cara da gente e é verdade. Parece que as forças me fugiram do corpo. Aonde me assente não me diz o coração que me alevante...

A mãe até parece que andava desconfiada... E disse para o pai:

— A cachopa anda branda...

— Ora, se calhar é das luas...

Levou-me ao doutor de Macieira e o doutor escutou-me o peito, meteu-me ao aparelho para me ver toda por dentro e espreitou-me os olhos e correu o meu corpo duma ponta à outra e não encontrou maleitas.

E agora a minha mãe cisma... E quer-me levar à Santinha de Esporões, mulher muito entendida... Mas eu já disse: «A ela não vou. Nem que me leve a rasto...» Se ela é entendida vai logo saber que o meu mal é todo por ti. Vai falar desta núvem negra que trago diante de mim.

Vai dizer que nunca mais tive luz nos olhos desde que tu te foste embora. Vai dizer que é por tua causa este peso que trago no peito. E o povo vai saber que foste tu que me deixaste e não eu que te deixei e todos vão saber a tristeza que anda em mim desde que soube que vais casar com outra, só porque ela é muito rica.

Ai só de pensar que também a ela chamarás aqueles nomes de que eu tanto gostava... Mas não hás-de chamar. Ela não é pequena e ajeitadinha como eu era quando tu me chamavas a tua rolinha mansa...

«Ela quase podia ser tua mãe... — diz quem já a viu e conheceu — E encorpada! E feia como os trovões...» Por isso não

passarás com ela por aqui, que terás vergonha. Nem lhe hás-de chamar pardejinho bravo... ou levandisca... Nem diante dela te mostrarás alegre como te mostravas diante dos meus olhos...

Mas porque me deixaste? Eu só gostava que me disseses que queixas tens tu de mim? Tu rias como quem caçoa da gente e eu toda me regalava só de te ouvir... Tudo em ti me fazia agrado...

Às vezes, quando passo a ponte penso que ainda um dia me hei-de atirar dela abaixo. Mas nunca terei coragem... A Mãe diz que alguma coisa me deu volta ao miolo... E consome-se toda, coitada. E as primas de Fontelas até já dizem que eu ando meia pasmada que não admira porque eu sempre fui assim. Sempre tive uma areíta...

E tudo porque as coisas do coração as sei melhor que ninguém... E por isso as sofro tanto e ando por aqui meia morta, com a roupa a cair da cinta... «Tão desmazeladinha... — diz a mãe. — Nem ri nem uma cantiga bota por essas alturas, como dantes...» E como hei-de eu cantar se as penas me afogaram a voz?

Que diferença eu vejo, agora, em tudo. Dantes, nada me pesava, nada me aborrecia... Se alguma das outras raparigas se queixava de desgostos de amor, eu cantava cá por dentro porque tu não me davas penas e nunca havias de mas dar. E cantava e ria por dentro a ponto de me apetecer dançar sozinha, ao vento, por sobre as ervas do lameiro...

Às vezes ainda penso que hás-de voltar... Ai mas eu sei que tu não voltas. O coração é que é um tolo, que mesmo cheinho de dor, no peito, teima em não se esquecer de ti...

Por isso o povo falou e fala ainda sem saber o que vai cá dentro, na raiz do coração. E diz que são males de inveja ou que foi coisa ruim que empeceu em mim...

Às vezes, ainda ficava escondida na sebe à beira da japoneira vermelha e dos cacos dos cravos, tão desmazeladinhos agora, tão cheios de ervas... Nem dava pelo pôr do sol. Para ali ficava até

ao escurecer, até ouvir a mãe chamar por mim... E sempre a perguntar: — «Tu que trazes contigo, rapariga? Nada, minha mãe. Que havia eu de trazer? Não trago nada...»

Não trago nada, não. Nem o teu riso a cantar-me aos ouvidos um riso de quem caçoa da gente, nem as tuas palavras a chamarem-me aqueles nomes todos. Já nada trago em mim, a não ser o peso de tantas penas. Mas a quem falar desta dor tamanha? A quem contar estas coisas do coração?

Ai se tu viesses sem eu te esperar... Se tu viesses...

Se tu viesses...

O CATIVEIRO

Um pouco bruscamente, quase o empurraram ao longo do corredor até ao pátio da prisão. Um aperto no coração fê-lo empalidecer ao fitar esse pátio que recebia fracamente a luz do sol e cujo pavimento de pedra antigo, se apresentava gasto. Janelas com varões de ferro, cruzados, pareciam espiar os seus movimentos e, por detrás delas, algumas cabeças rapadas com o rosto sombreado por uma barba descuidada, olhavam imóveis e indiferentes.

Uma das portas abriu-se pesadamente e Manuel da Costa entrou não sem olhar primeiro para o céu que espreitava lá em cima e onde núvens brancas vogavam, esse céu que agora lhe seria quase negado. Entrou quase deslizando, como para não fazer rumor.

Um tilintar de chaves e, quando deu por ela, estava numa cela pequena e sombria. Ordenaram-lhe que tivesse cuidado com a limpeza e não fizesse muito barulho e quando reparou, estava só entre quatro paredes nuas. Ouviu, ainda, a porta bater e, de novo, um tilintar de chaves seguido pelo ruído característico da chave dando duas voltas na fechadura.

Ficou por momentos, a olhar a porta fechada, como se tudo aquilo não passasse dum sonho mau. O coração batia-lhe tão desordenadamente que, sem querer, começou a andar para trás e para diante, cada vez mais depressa como fera enjaulada.

Uma luz turva coava-se pelas grades. Aproximou-se da janela mas não conseguia ver mais do que o pátio escuro e, là no alto,

um palmo de céu muito azul e de repente, sentiu-se cansado como se tivesse caminhado sem parar durante dias. Aproximou-se da cama e deixou-se cair pesadamente, parecendo que as paredes o abafavam.

No isolamento da cela os factos começaram a repetir-se de vagar, na sua memória, como um filme em câmara lenta, enquanto olhava fixamente a parede. Via o outro a aproximar-se, provocando-o, enquanto o seu coração pacífico se enchia a pouco e pouco de cólera, uma cólera que subia lentamente e em breve tomava posse de todo o seu ser, levando-o, de repente, a atacar com uma força de que não se julgaria capaz.

Admirava-se de ter conseguido arranjar tanta coragem ao atirar-se-lhe como doido, socando-o com gana ao ouvi-lo rugir: — «Mato-te!» Mato-te patife!» Lembrava-se de os terem desenhado por momentos e de novo se engalinharem e, antes que o pudessem segurar, ele ter-lhe atirado um pontapé com tal violência que o outro caiu de borco, soltando um gemido fundo.

Mulheres gritavam enquanto homens agarravam no ferido e o levavam para a casa mais próxima, ao mesmo tempo que alguém telefonava para o posto da G.N.R..

Um pouco afastado ele olhava as pessoas com ar de desafio. Sentia-se satisfeito — vingado e mais digno.

*

Agora ali estava há tanto tempo já que quase lhe perdera a conta. Os dias passavam devagar, a avolumar-se em semanas inertes ao longo das quais, na torre da Matriz, soavam intermináveis meias horas, que lhe despedaçavam os nervos.

Ao fim de um mês, o desejo de liberdade e as saudades da casa e de tudo que a completava, puseram-no magro como um cão.

O seu rosto trigueiro descorara e parecia mais enrugado. Só os olhos ardiam de impaciência. Tinha vontade de se atirar contra os grossos varões de ferro, de os arrancar. Para se dominar, caminhava pela cela calcando os próprios passos, como um sonâmbulo. Outras vezes adormecia — um daqueles sonos fatigantes, pesados como chumbo, e enquanto dormia, respirava com dificuldade como se estivesse amordaçado, mas o despertar não era menos asfixiante. E quando não podia mais, chorava desesperadamente, amaldiçoando a hora em que perdera a calma. Chorava até ficar sem fôlego. Depois deixava-se cair sobre a enxerga e ali ficava em silêncio, sem pensar, sem ver e sem escutar as conversas e o rumor dos outros presos.

Agora já não se sentia satisfeito por se ter vingado, nem tão pouco mais digno. Todos os seus pensamentos e desejos eram caminhos diferentes que o levavam ao mesmo fim — Liberdade.

Desejava cada vez mais os caminhos: Caminhos lamacentos de Inverno. Caminhos tortuosos da serra, caminhos abertos ao sol impiedoso. Desejava tudo o que não fosse aquelas quatro paredes sufocando-o, amarrando-o.

*

Quando finalmente a pena foi cumprida e as portas da prisão se lhe abriram partiu como uma seta. Desprezou a camioneta e meteu-se a pé, pela estrada que atravessava a cidade e se dirigia para o norte por entre povoações entremeadas de campos verdes e pinheirais.

Após todo aquele tempo de cativo sentia-se sequioso de uma boa caminhada. Marchava rapidamente ao longo da estrada e, por vezes, ria do zumbido dourado das abelhas ao mesmo tempo que a sua alma parecia dançar ao som de ritmos saltitantes, insistentes. O seu coração palpitava e os seus sentimentos confundiam-se

transformando-se numa coisa única levando-o a compreender que era livre, que podia enfim respirar.

Quando se cansou de caminhar, deitou-se junto da estrada sob as árvores cobertas de folhas tenras que deixavam a descoberto a cúpula azul do céu. Mais uma vez lhe veio à lembrança tudo o que lhe acontecera e o atirara para uma cela que o abafava e cujo ar o cansava mil vezes mais que a labuta de sol a sol, pelos campos.

Ali se deixou ficar por largo tempo mal acreditando ter na sua frente caminhos abertos que lhe permitiam ao caminhar, sentir no rosto o vento frio. Tentou dominar-se mas os seus nervos vibravam de tal maneira de tensão que o forçaram a levantar-se e a continuar o caminho.

A tarde principiava quando deparou ao longe, com a torre da sua igreja, banhada pelo sol, que caía a jorros por sobre a aldeia. Agora distinguia já a sua casa e, passado pouco tempo, ouviu mesmo as risadas dos filhos e, nitidamente, a voz da mulher chamando pelo mais velho.

Sem se poder conter, desatou a correr transpondo dum salto o muro que o separava do terreiro onde os filhos mais novos brincavam descuidados, enquanto os outros se ocupavam a ajudar a mãe a tratar dos animais domésticos. Emocionado, reuniu-os a todos num abraço sem palavras. Mas de súbito veio até ele o ganir do cão que reconhecendo-o, fazia esforços desesperados para se soltar da corrente que o prendia. O seu rosto ensombrou-se por momentos. Rápido, aproximou-se e libertou o animal que, agradecido, ganiu baixinho, rojando-se-lhe aos pés. Satisfeito, olhou-o por momentos mas logo chegou até ele o cantar melancólico da rola que alguém tinha prendido numa tosca gaiola. De imediato, enviesou em direcção à ave e, abrindo a gaiola, deixou que a rola se escapasse, evolvendo-se no ar. Depois, tomado de súbita resolução, dirigiu-se para a capoeira e soltou os galináceos. A seguir foi a vez dos coelhos e da ovelha.

Para ele, até então, a prisão daqueles animais não era mais que uma situação normal, uma coisa em que não valia a pena pensar. Mas agora tudo se modificara. Naquele momento, o cativo desses animais feria-o tão profundamente que não podia resistir ao seu apelo e a revelação daqueles seres aprisionados envolvia-o como uma vaga poderosa. Todos os seus sentimentos estavam ali, vincados na crença de que não há bem melhor que ser livre.

Respirou profundamente. Encheu os pulmões de ar gozando a mais emocionante de todas as satisfações — a liberdade — ao mesmo tempo que sentia o sangue correr-lhe, mais livre, pelas veias.

Muda de espanto, a mulher não tirava os olhos dele, enquanto as crianças riam divertidas ante o ineditismo da situação, mas ele não dava por nada. Os seus ouvidos estavam cheios do cantar da rola poisada alegremente, sobre um pinheiro, na bouça para lá do caminho e no seu rosto havia uma expressão em que se notava satisfação e qualquer coisa de diferente.

Uma expressão que jamais se lhe vira.

TALVEZ

Estava um pouco ofegante quando chegou à estação.

Sentou-se junto da porta fechada e olhou o relógio. Ainda faltavam três horas para o comboio chegar. A lua brilhava espalhando uma luz esbranquiçada sobre a linha férrea e um sopro de brisa nocturna correu por entre a folhagem como um lamento sufocado e depois afastou-se deixando-a desoladamente só.

Alheia à paisagem que o luar tornava quase fantasmagórica, a rapariga continuava imóvel, sentindo dentro de si qualquer coisa de vivo, qualquer coisa que batia asas com angústia.

Filha de abastados lavradores, nascera e crescera na liberdade dos campos, até ao dia em que por sugestão de uma tia freira, a internaram num colégio de religiosas.

Verdadeiramente, nunca se habituara à vida conventual, mesmo depois de envergar o hábito de noviça. Vigiada e amparada pela tia, apenas suportara, ao longo dos anos, a clausura esforçando-se por ser cumpridora nos seus deveres de religiosa, tão incapaz de não dar a Deus o que era de Deus, como de esquecer as suas obrigações quotidianas.

Fazia as suas orações escrupulosamente, cantava no coro da capela e embora realizasse os seus actos com o espírito de aplicação conscienciosa que punha em todas as coisas, sentia-se, por vezes, cansada, sem entusiasmo. Continuava, cumprindo os deveres que

a sua situação lhe impunha, mas uma parte de si própria era levada constantemente para o tempo da sua infância na aldeia. E à medida que os anos iam passando, desejava cada vez mais recuperar as alegrias desse tempo, ser chamada pelo seu nome de baptismo.

Ali no convento, sentia-se um ser à parte, uma planta selvagem incapaz de desabrochar à vontade entre aquelas paredes, uma planta a que faltavam as necessárias condições de existência. Por isso, oferecia cada vez menos resistência ao sonho de um futuro diferente, livre das peias que a vida conventual lhe impunha, deixando que as imagens de um passado ainda pouco distante, viessem até ela numa espécie de perfume, que a envolvia para só a custo se desvanecer.

E era nessas horas que a casa lhe aparecia envolta em algo de fantástico com as recordações de pequenas mágoas e sonhos vagos, risos que enchem qualquer infância, e com ela todas as recordações ténues duma época que ela desejava agora nitidamente, ver desabrochar de novo, mas mais rica, mais pujante. — Sentimentos que ela guardava ciosamente, baixando os olhos para que ninguém suspeitasse do que lhe ia na alma.

Dias havia em que se sentia culpada. Tinha a consciência de mentir e sabia que estava a tornar-se hipócrita.

Mas acima de tudo, desejava viver e, para ela, viver era coisa bem diferente da vida de clausura com horas certas, iguais e dias repetidos indefinidamente. Era nova e sentia a vida agitar-se dentro de si, com desejos e aspirações. Não. Não poderia passar o tempo a sonhar uma existência, em vez de a viver. Tinha de se decidir. E decidiu-se.

*

O dia em que finalmente reentrou na casa da sua infância, ficou-lhe gravada na alma, para sempre.

Era à hora em que todos os braços laboriosos se entregavam, nos campos, às tarefas que a terra exigia.

Na casa silenciosa e deserta, deixou-se ficar imóvel, com as malas fechadas que o pai ajudara a transportar e logo lhas abandonara, na pressa de ir verificar os estábulos. E agora ali estava ela, finalmente, nessa atmosfera misteriosa e evocadora de recordações que a casa exalava e cuja origem mal se definia, fazendo-a rever mil coisas diferentes — um lenço de ramagens, uns chinelos novos, as festas do Padroeiro. Ali estava ela com todos aqueles móveis toscos, cobertos de pó, a janela sem cortinas, o soalho enegrecido. E tudo tão calmo, como que imerso em silenciosa expectativa.

O sol no ocaso, inundava de uma claridade avermelhada, a sala deserta e por largos minutos, a rapariga ficou imóvel olhando o poente rubro, sentindo a luz penetrá-la enquanto o sangue lhe palpitava nas veias com impaciência.

Esperava a todo o momento ver entrar os irmãos ansiosos por a abraçar, mas no ar pesado, o único ruído que se ouvia era o leve rumor da água caindo no tanque, junto à horta.

Uma angústia indefinida invadiu-a, enquanto os seus pensamentos confusamente se misturavam a sensações mal definidas. Porque não apareciam os irmãos e a mãe?

Olhou em seu redor, como que a procurar uma resposta e de súbito pareceu-lhe que o ar se tinha adensado em seu redor, ao mesmo tempo que a tomou o desejo de quebrar com um grito o pesado silêncio da casa naquela atmosfera de tantos cheiros — madeira velha aquecida, maçãs maduras, poeira, fumo, resina...

Levou as mãos à garganta. Sentia-se cansada, como se de facto tivesse gritado.

*

Durante largo tempo, a sua chegada foi motivo de conversa nos grupos de mulheres que trabalhavam nos campos. Falou-se dela tanto quanto é possível falar-se duma pessoa que deixa uma vida diferente para ser uma de entre elas.

As raparigas, no entanto, não admiravam nem apreciavam os seus gestos delicados, as suas falas suaves e junto dela sentiam-se intimidades e, uma a uma, foram-se afastando.

Os irmãos, logo que a sua curiosidade ficou satisfeita, afastaram-se também, diminuído o interesse que a princípio lhes despertara e recebiam mesmo com alguma reserva, os esforços da irmã para uma maior intimidade entre eles, retrocedendo para uma certa forma de retraimento, como se ignorassem a sua origem comum.

Encerrada num silêncio triste, deixara-se ficar abatida, enquanto a primeira névem ensombrava a luz que as mil esperanças trazidas consigo, espalhavam por sobre as coisas.

Sem saber porquê, sentia-se inquieta mas, antes que pudesse compreender, foi implacavelmente empurrada para os trabalhos rudes da quinta e aos olhos de Maria do Sameiro (outrora Irmã Benedita) a vida tomou de súbito, um aspecto totalmente diferente do que sonhara.

*

Os meses foram passando, dia após dia.

Terminadas as colheitas, veio o Inverno com os seus rigores a arrastarem-se pelos caminhos lamacentos. Passou a Primavera e agora era o verão, mas o campo estava cada vez mais longe da imagem que durante os anos de clausura conservara consigo. O mundo que agora a rodeava, nada tinha a ver com o mundo dos seus sonhos.

Ali ninguém perdia tempo a admirar belezas de poentes ou deli-

cadezas de pardais por entre a ramaria, ao entardecer. Ali o sol era apenas um elemento criador que umas vezes ajudava, outras prejudicava. E se acaso olhavam o céu era apenas para ver se choveria ou se as núvens ameaçadoras se afastariam ou se a lua indicava mudança de tempo.

O trabalho era de tal modo estafante e embrutecedor que, uma a uma, todas as suas visões de beleza se foram desvanecendo, matando os sonhos que trouxera consigo.

A princípio tentara modificar os hábitos ancestrais da família e esperara poder transmitir-lhes um pouco da sua educação, dos seus conhecimentos, mas tais preocupações de higiene e arranjo do lar, não lhes agradaram. Esperara igualmente, com todas as forças do seu ser, inculcar neles um pouco do seu afecto, mas o tempo correndo, ia quebrando uma a uma, todas as esperanças a que se agarrara.

A princípio, quedava-se a escutá-los na maneira rude de falar e através daquela linguagem típica, sentia ressaltar as palavras cheias de erros de gramática, ferindo-a. Mas agora já não se espantava ao ouvir aquelas cinco bocas exprimirem-se duma maneira rude e inesperada, tão diferente do falar a que se habituara ao longo dos dez anos de clausura. Apenas a chocava ainda, o tom de voz áspero chamando-a, as discussões entre eles, por vezes violentas e coroadas de insultos, as ocas conversas sem interesse.

Como se adivinhassem tais pensamentos, os irmãos não desperdiçavam nenhuma ocasião de se rirem dela, do seu olhar hesitante, próprio de um ser desabituaado do mundo, dos seus braços brancos e finos, fracos em demasia para os trabalhos cada vez mais rudes que lhe destinavam.

A pouco e pouco, foi tomando consciência de quanto era desfavorável a impressão que lhes causava com os seus gestos delicados, as suas palavras suaves e pausadas. Tentando a todo o custo

evitar troças que a feriam, revestia-se de uma certa reserva, procurando isolar-se o mais possível, cada vez mais cansada, os braços inertes de tantos sonhos inúteis.

Naquela casa onde cada um tinha na alma portas que não se abriam, todos os sonhos de ternura e amor, todos os projectos de um convívio permanente, nada mais lhe trouxeram que desencantos. E o desejo de um terna compreensão fraternal que acalentara durante todo aquele tempo ia morrendo a pouco e pouco.

Ouvia-os conversar, mas não conseguia interessar-se pelos acontecimentos que tinham por cenário os pastos e os campos. As próprias tardes de Domingo, única pausa no trabalho fatigante, pareciam-lhe estúpidas, aborrecidas, tirando-lhe qualquer vontade de passear pelos campos luxuriantes. E muito menos de ficar, como sonhara, longo tempo sentada num socalco, a contemplar o centeio verde ondulando ao vento fresco da tarde. Sentia o corpo de tal modo cansado que logo que podia corria a deitar-se no colchão de palha, os olhos fechados, sem falar, com vagas ideias a errarem pela mente.

Ali na aldeia tudo lhe desagradava agora. As horas das refeições reguladas pelo sol, o cheiro a estrume vindo das cortes sob a casa, os móveis velhos arrumados sem graça ao longo das paredes, numa atitude defensiva, como que a repelirem-na.

Tinha a sensação de que tudo o que a chamara àquela casa, tudo o que a prendia à infância a abandonava, deixando-a prosseguir solitária no seu caminho. Mais que nunca sentia-se emparedada na sua vida, reduzida a uma solidão cujas muralhas ninguém queria penetrar. Jamais se sentira a tal ponto, infeliz, abandonada e não podia imaginar um meio de se livrar dessa situação.

Procurava, no entanto, lutar ainda contra os receios e interrogações que lhe apertavam o peito, mas a realidade ganhando vulto, fazia-a sentir-se cada vez mais vazia, mais despojada, sem juventude, sem sonhos, encurralada na sua solidão e desespero,

oprimida pela sua própria existência, desejando em vão ultrapassar as muralhas onde teimavam em encerrá-la.

Podia tentar o casamento como meio de libertação, mas de todos os rapazes vizinhos ou dos que aos domingos de tarde, rondavam a porta, ou se divertiam com as irmãs, nenhum a interessava. Não passavam duns pobres ignorantes — temperamentos robustos e grosseiros, cuja jovial alegria lhe fazia lembrar a dos ursos bem humorados.

Um novo apelo, porém começou a crescer dentro de si. Uma reforçada vontade de se libertar, tão intensa que a fazia sofrer como uma dor física. Mas antes de dar forma a esse seu projecto de fuga, hesitou durante algum tempo. Agora, porém, os trabalhos da terra ocupavam de tal maneira as gentes da casa, que só vagamente dedicavam atenção a outros assuntos. Era a melhor ocasião e não a desperdiçaria.

*

Maria do Sameiro olhou mais uma vez as horas. Parecia-lhe que o tempo tinha parado. O luar abria-se sobre a sua cabeça, mas ela continuava alheada da paisagem fantástica que a rodeava. Agora que nada mais tinha a fazer se não esperar, podia alinhar os seus pensamentos.

A princípio, tudo lhe parecia fácil, mas o medo acabara por surgir, um medo crescendo lentamente, como uma onda poderosa. Até ali só pensara em libertar-se, em abandonar a casa paterna, mas agora que nada mais tinha a fazer senão pensar, começava a examinar friamente a situação. E se no convento não a recebessem?

Desconhecendo a cidade, ficaria exposta a esses perigos de que por vezes ouvia falar. Saindo de casa dessa maneira, todas as portas se encerrariam definitivamente. E depois?

Uma ave nocturna soltou um pio agoirento mas logo o silêncio voltou, espesso, a envolver casas, árvores, a linha férrea.

Os minutos continuavam a arrastar-se, lentos, enquanto a angústia crescia dentro de si, doendo como uma dor física.

*

A mesma angústia com que, cautelosamente, reentrou em casa.

Todos dormiam profundamente e ninguém dera por nada. Meteu-se no leito meio vestida, sentindo os músculos vibrarem de uma estranha fadiga, que lhe insensibilizava os nervos, arrefecendo-lhe o sangue e enfraquecendo-lhe a vontade.

Sentia-se impotente para lutar contra aquela angústia dormente, que fazia tudo oco em seu redor, como se qualquer coisa se tivesse desmoronado irremediavelmente.

No seu corpo macerado por rudes trabalhos, ventos e impiedosos raios de sol, sentia agora uma nova forma de cansaço, enquanto os seus olhos secos e febris vagueavam pelo escuro como animais sem dono, exprimindo queixas que os lábios não proferiam.

Mas a pouco e pouco a sua angústia foi diminuindo para dar lugar àquele foco de resistência que automaticamente começava a renovar-lhe as faculdades de luta.

A noite luarenta continuava a descer. Dentro em pouco a clareza da aurora abriria nas portadas de madeira que tapavam as janelas, baças e esguias frestas de luz. Mas antes disso ouvir-se-ia o canto desafiador e repetido dos galos da vizinhança e quando o melro madrugador se fizesse ouvir todos estariam já a pé.

Tinha de aproveitar aquele resto de noite para dormir um pouco e entorpecida numa espécie de sono melancólico, nova esperança começava a surgir como que em sonhos: — «Talvez que o pai autorizasse um dia a sua partida e a ajudasse... Talvez que ela se habituasse àquela casa velha e poeirenta... Talvez tudo se modificasse... Talvez um dia casasse... Talvez... Talvez... Talvez...»

ÍNDICE

Telha Mourisca.....	7
Peor que um cachopo.....	13
História Simples de João Varandas.....	17
Menino-Poeta.....	21
Bom Dia!.....	27
O Penedo dos Mouros.....	31
Laurinda, João e Rosa.....	37
A Borboleta.....	47
Gente da Terra.....	51
Fome, Sede e Sonho.....	57
A História do Sino Grande.....	63
Desenraizada.....	71
Novos Horizontes.....	77
Quando a Noite Vem.....	87
Resignação.....	93
Queixume.....	99
O Cativoiro.....	105
Talvez.....	112



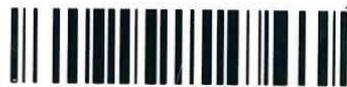
MARIA DO PILAR FIGUEIREDO

Passou a primavera e agora estavam no verão. O campo estava cada vez mais longe da imagem que durante os anos de clausura conservara consigo. O mundo que agora a rodeava nada tinha a ver com o mundo dos seus sonhos.

Ali ninguém perdia tempo a admirar belezas de poentes ou delicadezas de pardais por entre a ramaria, ao amanhecer.

Ali, o sol era apenas um elemento criador que umas vezes ajudava, outras prejudicava. E se acaso olhavam o céu era apenas para ver se choveria ou se as nuvens ameaçadoras se afastariam, ou se a lua indicava mudança de tempo.

biblioteca
municipal
barcelos



27045

Telha mourisca